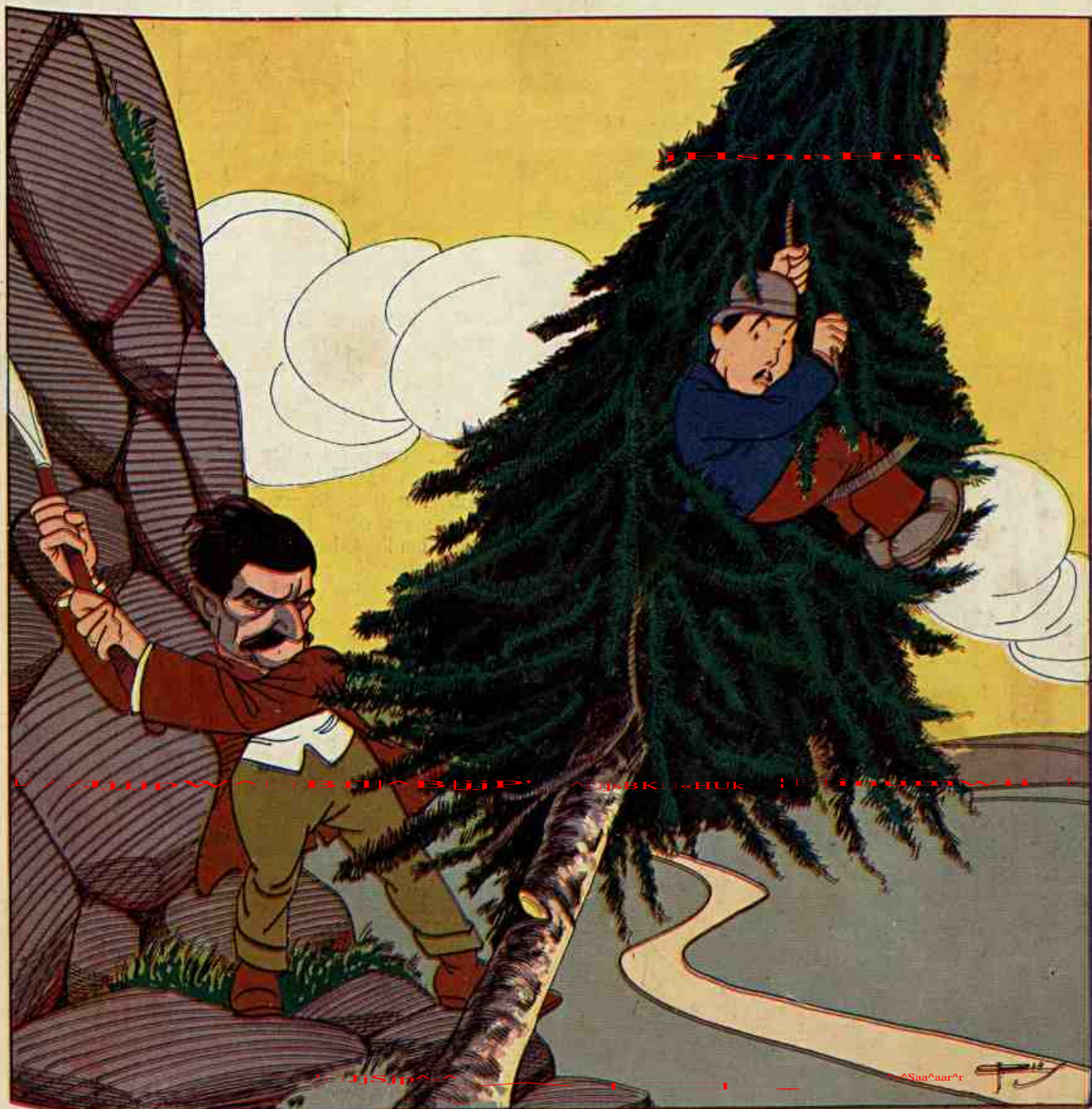
Num. 343 | Sabbado 16 de Janeiro de 1915 | Anno VIII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

Wencesláo — *Mais um golpe, derrubo a arvore maligna, e dou com o marechal da Praia Grande n'agua.*

GUARANESIA

Anti-acido, digestivo, tonico e fortificante

JUVENTUDE

Idade de illusões,
esperanças
e desejos!
Ponto da vida em
que tudo
nos sorri!
Alegre, elegante e
robustecida
pelos effeitos
salutares da
Guaranesia.

DEPOSITARIOS

Campos Heitor & C.

35

Uruguayana

Em todas as
Pharmacias e
Drogarias

CAZA HENRI

Coiffeurs — Posticheurs

78, RUA URUGUAYANA, 78

Annuncio Especial

A Caza Henri informa sua numerosa freguesia que, apezar da crize que atravessamos, será servida como o foi até agora, com a mesma attenção e que os preços não foram augmentados, visto o grande stock de cabellos que a caza tem á disposição de seus freguezes.

A caza acceita, por especial favor, de fazer com cabellos fornecidos pelos freguezes, todo e qualquer genero de postiches sobre qualquer desenho ou photographias, etc., etc.

Couvre-tête

100$000

ISIS-VITALIN

Do Ill.mo Sr. Pharmaceutico Manoel Deodoro de Carvalho, conhecido proprietario da Pharmacia Minerva em São Francisco do Sul recebemos a seguinte carta:

"É com immensa satisfação que scientifico a VV. SS. que, tendo eu aconselhado a diversas pessoas o uso do preparado do laboratorio de VV. SS. denominado ISIS-VITALIN, como regenerador da força vital e como tonico por excellencia; os resultados obtidos pelas mesmas pessoas foram tão beneficos, que todos me vieram trazer os seus reconhecimentos pela feliz indicação que lhes havia feito.

Tenho tambem offerecido a innumeros freguezes o Isis-Vitalin dissolvido em agua assucarada como refrigerante, sendo pelo seu sabor agradavel e acompanhada de sua acção medicamentosa, preferivel a qualquer limonada em uso comum.

Podendo fazer desta o que bem lhes interessar.

Subscrevo-me com alta estima e consideração.

De VV. SS.

Att.os Am.o e Cr.o

(ass.) *Manoel Deodoro de Carvalho.*"

EMULSÃO de SCOTT

DÁ A PERFEITA VIRILIDADE

POR perto de meio seculo tem provado a sua grande efficacia e meritos insuperaveis para fortalecer e sanar os Pulmões e como o Especifico de effeitos mais seguros e rapidos contra a Anemia, a Escrofula, o Rachitismo nas crianças, a Debilidade qualquer que seja a causa e todas as doenças que precisam d'um reconstituinte energico e poderoso.

Ha uma enorme differença entre a Emulsão de Scott Legitima e as innumeraveis imitações que d'ella preparam industriaes pouco escrupulosos. A Emulsão de Scott cura, as imitações empeioram.

Exija-se sempre a Marca do "Homem com o Bacalhau ás Costas."

SÓ

É CALVO QUEM QUER

PERDE O CABELLO QUEM QUER

TEM BARBA FALHADA QUEM QUER

TEM CASPA QUEM QUER

PORQUE O PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua quéda, faz vir uma barba forte e sadia e faz desapparecer completamente a caspa e quaesquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas, provam a sua efficacia

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A URUFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado nas influencia renal, cystites, pyetites, nephrites, pyelonephrites, urethristes chronicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho abdominal, uremia, diathese urica, arêas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não que têm a bexiga preguiçosa, e cuja urina se decompõe facilmente devido a retenção, encontram na URUFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO porque ella não só facilita e augmenta a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

ENCONTRA-SE NAS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS DESTA CAPITAL E DOS ESTADOS E NO

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C. — 1º de Março, 17 — Rio de Janeiro

AS GRADES DO PASSEIO

— Teremos depois o passeio das marrequinhas. Essas, futuramente, hão de *a grade ser.*

Entre namorados de boas intenções

— Então, minha querida, devemos considerar a nossa união como um sonho irrealisavel?

— Não desesperes.

— Mas, se tenho a certeza de que teu pae e tua mãe são contra nós.

— São, por ora; mas não te dê cuidado. O pae e a mamãe nunca estão de accordo um com outro mais de 24 horas.

Ha tres cousas que saltam aos olhos: a verdade, o gato, e a mulher geniosa.

Entre mãe e filha

— Vem cá, Julinha; tenho que passar-te um sermão.

— Por que, mamãe?

— Pensas que eu não vi hontem, na sala, junto ao piano, quando o Dr. Fonseca te deu um beijo?

— Não mamãe; elle não chegou a dar o beijo.

— Não chegou a dar?

— Não; os labios d'elle apenas tocaram a ponta do meu nariz.

— Pois, é preciso por um paradeiro n'isso; quero as cousas no seu logar, é uma pouca vergonha.

— Mas elle, naturalmente ia dar na bocca; a senhora é que teve a culpa... entrou na sala tão de repente!

Uma de Luiz Felippe

Quando Talleyrand cahiu de cama da molestia que o victimou, Luiz Felippe foi visital-o, e perguntou-lhe como passara.

— Ah! Magestade! Soffro como um condennado!

— Já? perguntou maliciosamente o rei.

UM ESCRIPTORIO BEM MONTADO

inspira a confiança do publico porque é um indicio de seriedade, prosperidade e ideias progressistas. Para trabalhar bem é necessario ter bons utensilios.

Chamamos a attenção do publico commercial e profissional para o nosso variado sortimento de

Secretarias de aço,

Archivos de aço,

Cadeiras Americanas e moveis diversos para Escriptorio.

Podemos preencher as necessidades mais variadas, desde um gabinete pequeno para cartões a 25$000, até as installações completas para grandes escriptorios. Todos os artigos são de construcção superior, fortes, elegantes e providos dos ultimos aperfeiçoamentos.

Uma visita a nossa loja, Rua Ouvidor 125, Rio de Janeiro ou Rua Direita 19, São Paulo, será de interesse para todo gerente e empregado de escriptorio. Recebemos moveis novos por todos os vapores de Nova York, e temos sempre o maior prazer em mostrar e explical-os, sem solicitar o visitante a comprar.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO. . . . . 15$000 | SEMESTRE. . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL. . . . 300 Rs. — ESTADOS. . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS — TELEPHONE N. 5341

N. 343 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 16 — JANEIRO — 1915 — ANNO VIII

A situação

A indecisão de conducta, a ausencia de vontade clara, a vaccillante inconstancia na acção que caracterisaram o vulto contradictorio do Presidente Hermes, ao que parece, foram legadas por elle, com as chaves das residencias presidenciaes e com os erros do seu quatriennio funesto, ao moço estadista em cuja alterosa grandesa tanto confiava o agudo instincto politico de Itajubá!

Nessa remota cidade de Minas, defendido pela muralha forte das montanhas e pela presença vigilante dos seus patricios contra as importunas investidas dos caudilhos e dos mandões, pelo espaço de meio anno, o esperançoso Presidente eleito haurio energias para oppor victoriosa resistencia ás ambições ferozes do caudilhismo.

Entrincheirado no subterraneo germanico de sua heroica resolução de governar sem tutella, no momento de subir ao convidativo throno quatriennal, quando toda a nação, esquecendo as dissenções recentes, procurava prestigiar o novo governo, o Presidente Wenceslão, depois de uma rapida conferencia com o guedelhudo capitão dos caudilhos e dos mandões, humildemente, mediante a publicação do nome dos seus ministros, annunciou que perdera o precioso tempo consagrado a haurir energias nas paragens de Itajubá.

No caso do Estado do Rio, depois das silenciosas semanas dedicadas ao profundo estudo de uma questão que deveria ser familiar a um bacharel em direito cuja vida tem deslisado em terreno propicio ao pleno conhecimento do nosso direito constitucional, o escrupuloso Presidente declarou acatar os accordãos do mais alto tribunal do paiz.

Applausos vindos de todas as arenas celebraram a sabia declaração presidencial, antevendo, atravez d'ella, um periodo de calmo progresso baseado em serena justiça.

Soavam ainda os echos desses applausos, quando, vencido pela interesseira intervenção condemnavel do vice-presidente Urbano dos Santos, o contradictorio habitante do paço imperial das Laranjeiras convocou o Congresso para desacatar a Justiça.

Desde então, a tranquillidade fugio dos espiritos e a ordem começou a fugir das ruas. O immenso descontentamento publico enche as columnas dos livres jornaes independentes, transborda nas intimas conversas travadas no recesso dos lares, explode na indignação patriotica dos comicios.

As correrias policiaes e os perigosos motins populares que convulsionaram os ultimos periodos da nefasta presidencia Hermes, estão assignalando, de modo significativo, o ennevoado inicio do governo Braz.

Quem pode prever o fim e as consequencias deste geral descontentamento e destes justificaveis disturbios?

Os brasileiros vivem na afflictiva inquietação de quem pisa um sólo minado e sente sobre a cabeça a imminente ameaça de uma descarga fulminante de raios.

Augmentam, aggravadas pelos impostos novos, as prementes difficuldades da vida; cresce o numero clamoroso dos desoccupados; os negocios soffrem esmagadoras depreciações, ninguem confia nos seus recursos e todos reconhecem a insegurança do tecto e do pão de cada dia, e, nesta situação de compressiva angustia, o chefe supremo da nação, com a precipitada irreflexão de uma creança, rasgando aos olhos dos cidadãos alarmados um horizonte de quatro annos de desmandos e erros, sacrifica os interesses legitimos da Paz ás subalternas conveniencias de um partido responsavel pela nossa misera ruina presente.

A agitação que perturba os espiritos, as manifestações que alarmam as ruas, a desconfiança que a todos abate e o desespero que enche a todos os corações — são os primeiros fructos das primeiras fraquezas do Presidente Wenceslão.

Que se levante dos pés dos caudilhos a autoridade presidencial. Que não desça do alto, que não seja feito pela mão incumbida de regrar a ordem, o signal criminoso da desordem! Que o summo encarregado de assegurar os direitos e garantir a existencia dos brasileiros — não provoque um derrame inutil de sangue.

Si, nas actuaes circumstancias, quando todo o Brasil reclama a Paz e a Ordem, o sangue brasileiro ensopar o solo da patria, a responsabilidade desse crime caberá ao infeliz Presidente que não soube corresponder á grandeza da sua missão.

Dr. Vicente Piragibe

O Dr. Vicente Piragibe, intimorato director d'*A Epoca*, é candidato a uma cadeira de deputado pelo 2º Districto da Capital Federal.

O seu programma, é o seu nome, gloriosamente illustrado nas arduas luctas da imprensa independente contra os desmandos dos mãos governos tutellados pela ambição arbitraria dos caudilhos.

Nos duros tempos hermistas, Vicente Piragibe, na brilhante interpretação dos sentimentos populares, com um destemor honroso, affrontando o furor dos perpetuos correligionarios dos poderosos, sustentou uma campanha verdadeiramente heroica em pról do direito esmagado pela força e fez do seu jornal um baluarte em que os humildes e os fracos perseguidos pelos magnatas dominantes encontram seguro asylo e firme protecção.

As indignas perseguições que lhe moveu o hermismo, não lhe abateram o animo. Viu-se processar, foi encarcerado por longo tempo durante o estado de sitio, mais de uma vez esteve com a vida ameaçada pela inconsciencia assalariada de capangas.

Poucos candidatos se apresentarão aos seus eleitores com tantos meritos attestados por tantos serviços á causa publica.

A' sua dedicação ao povo, comprovada materialmente por essa casa sorteada entre os leitores d'*A Epoca*, á sua coragem civica, ao seu ardor de patriota, o Dr. Vicente Piragibe allia os fulgores de um formoso talento servido por uma solida illustração.

Na Camara, pela sua envergadura civica e pelo seu valor intellectual, o director d'*A Epoca* será uma grande força util.

TESOURA

Os jornaes allemães publicaram as *novas* condições em que a Allemanha *acceitaria* a paz. Eil-as :

I — A Allemanha não julga prudente conquistar territorios na Europa, mas, por motivos militares, fará ligeiras rectificações de fronteiras, annexando as regiões visinhas que constituirem pontos de ameaça para a defesa allemã.

II — Geographicamente, a Belgica pertencerá ao Imperio Germanico, pois domina a foz de um rio importante e Antuerpia é um ponto essencialmente allemão. E' uma anomalia Antuerpia não pertencer á Allemanha. E' o mesmo que se Nova Orleans e as nascentes do Mississipe fossem tirados das Luisiania ou que se Nova-Yorck tivesse ficado ingleza depois da independencia norte-americana. Alem disso, a situação actual da Belgica é devida a ella propria. Ninguem mais tem culpa. Foi ella que se enfeudou á Inglaterra e á França. Por conseguinte, ainda que não se pretenda, por causa do seu povo não germanico, incorporar a Belgica ao Imperio nas condicções em que o foram a Baviera, o Wurtemberg e a Saxonia, ella e o Luxemburgo serão incluidos na união aduaneira.

III — Tendo sido provado a impossibilidade da neutralidade belga, será ella extincta, sendo preciso, por isso, que os portos belgas fiquem ao abrigo de qualquer ataque dos francezes ou da Inglaterra.

IV — Tendo a Gran-Bretanha fechado o Mar do Norte, esse mar tem de ser considerado um *mar livre*, destruindo-se a these estabelecida pela Inglaterra de que o mar é seu dominio e que os oceános lhe pertencem. As costas da Mancha, na Inglaterra, França e Belgica serão neutralisadas mesmo em tempo de guerra e entrará em vigor a doutrina norte-americana e allemã de que a propriedade particular no alto mar deve ser reconhecida como o é em terra, para todas as nações.

V — Todos os cabos sub-marinos serão neutralisados.

VI — Todas as colonias allemãs serão devolvidas pelos alliados, pois em razão da sua sempre crescente população *a Allemanha* necessita de novos territorios *susceptiveis de serem colonisados por brancos*. Marrocos, se estiver nestas condicções, deverá passar aos allemães, os ques terão a liberdade de desenvolver sem intervenção extranha as suas relações commerciaes e industriaes com a Turquia, sendo-lhes, assim, reconhecida uma esphera privativa de influencia no golpho Persico e nos Dardanellos.

VII — Não poderá desenvolver-se a influencia japoneza na Mandchuria.

VIII — Todas as pequenas nacionalidades, como a finlandeza, a polaca e os boers, se ajudarem a Allemanha, poderão escolher o seu destino. O Egypto, si o desejar, será entregue á Turquia.

E só ! Apenas isso ! Cumpre observar que, formulando essas condições, os allemães não pensaram nos seus alliados austro-hungaros.

O caso do Estado do Rio

O general Pinheiro Machado, á porta do Senado, recebendo as acclamações negativas do povo.

Disseram a Aristoteles que alguem falava ma delle na sua ausencia, e elle respondeu :

— Póde até bater-me... na minha ausencia.

Perguntando-se-lhe o motivo porque nos demoramos junto de bellos objectos, respondeu :

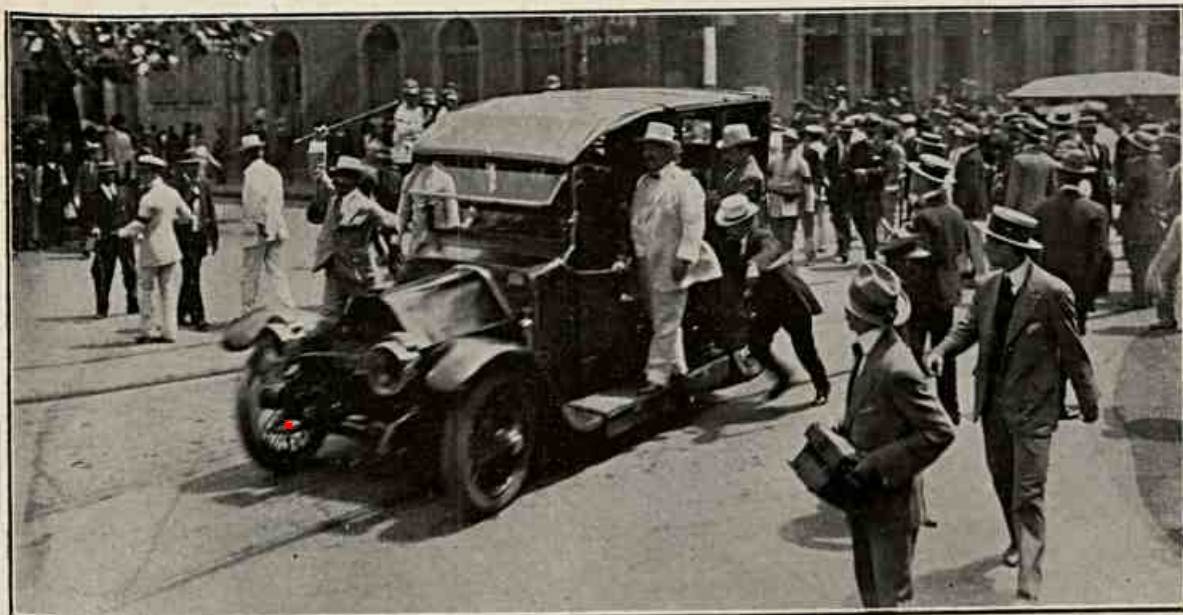
— Essa pergunta só a póde fazer um cégo.

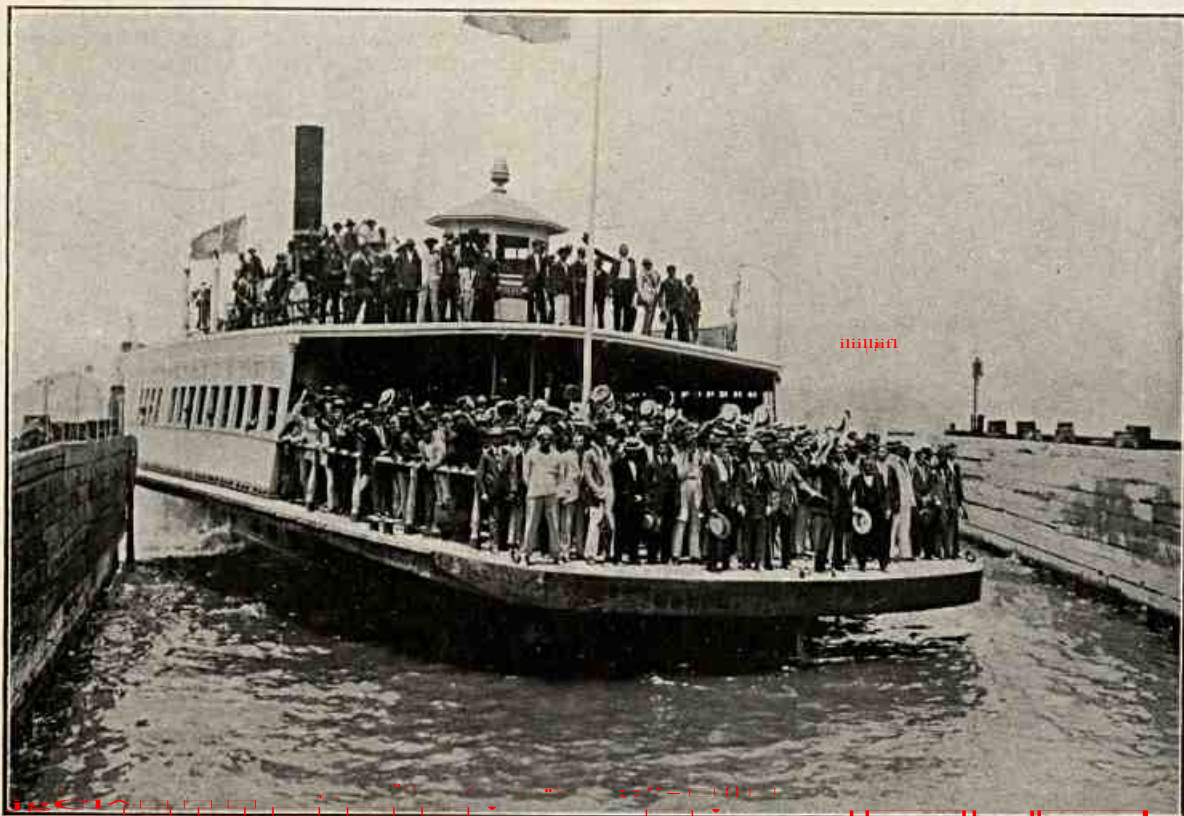
Estarão mobilisados os actores escandinavos? Pelejarão na Europa os artistas norte-americanos ? Estarão de farda nas costas e carabina nas mãos os da Italia ? A guerra terá causado algum abalo depressivo á intelligencia dos creadores de *films* cinematographicos ?

Estas perguntas nascem em nosso espirito e assomam em nossos labios sempre que assistimos ao desenrolar de uma fita, em qualquer cinematographo.

A graça, o fino espirito não encantam as monotonas comedias de agora. Nos dramas, os actores que os representam portam-se em scena com a aturdida precipitação de quem apressadamente dá um recado emquanto lhe rebôa aos calcanhares uma perseguidora bateria de artilharia pesada.

— Quando vês uma vibora numa caixa de ouro, estima-la mais ? pois não lhe tens o mesmo horrôr, pela sua natureza malfazeja e venefica ? Procede da mesma fórma com o homem mau, quando o vires no meio das suas riquezas.

EPICTETO

O automovel conduzindo o general Pinheiro Machado sae do Senado impellido por um viva de "bronze" do Dr. Solfieri de Albuquerque.

O caso do Estado do Rio

Uma das barcas que conduziram o povo que veio de Nictheroy ao Rio para protestar, deante do Senado, contra a intervenção no Estado do Rio.

Sem verbos. Sem assumpto

A Luisa Pedrosa

Que dolorosa surprêsa para mim, debruçado á carteira, com a penna sobre o papel, nesta manhã de Agosto nublada e fresca, açoitada brandamente por uma garôa finissima, vivificadôra e fecundante, á procura de um assumpto para esta prosa sem verbos!

Que tédio indefinido, que invencivel desanimo transbordante de minh'alma alheiada, distrahida, após longos minutos de concentrada meditação em busca de uma ideia sempre ausente!

Debalde todas as tentativas, inuteis todos os esforços de minha imaginação estéril como a aridez desoladôra do Sahara, fustigada desapiedadamente pelo Simoun em sua furia devastadôra.

E todas estas manifestações intimas do meu espirito, envolvido neste momento por uma nuvem de pensamentos desordenados e confusos, produsidos pela infecundidade crescente do meo cerebro inteiramente vasio, sem um visiumbre, sem a minima scentelha de uma ideia.

Em torno de mim profundo silencio, interrompido de quando em quando pelo canto sonoro de um gallo e pelo chilrear de andorinhas em bando, rapidas, celeres em espiraes pelo espaço fóra.

Defronte de minha janella florido jasmineiro rescendente de embriagantes perfumes, pousado em um de seus galhos vestidos de espéssa folhagem, como que escondidos de olhares indiscretos, azulado casal de sanhaçús, juntinhos, docemente aconchegados, em terno e amoroso idylio.

Além, carregados de preciosos fructos, um grupo de coqueiros d'alvacenta e aprumada haste coroada de longos e verdejantes fólhas, semelhantes a enorme guarda-chuva aberto, trementes aos beijos caricíosos da brisa alegre e matutina.

Mais alem, na varsêa verde e luxuriante, o limpido e sereno *Cursahy* deitado mansamente em caprichosas sinuosidades, com as suas aguas claras e transparentes, noite e dia, em marcha silenciosa por entre montes e valles em demanda do Capibaribe distante.

Ao longe, naquella imminencia debruada de extensa faixa de matta vêrde-nêgra, coberta de viçosa

e esmeraldina pastagem — bellissimo tapête de verdura, — uma manada de bois de lusidio pêllo, deitados á sombra deliciosa de copadas arvores. Do lado opposto, a pequena capella toda de branco com a sua cruz pequenina e vêrde, symbolo augusto da excelsa religião de Christo, o meigo rabbi da Galiléa, o divino martyr do Golgotha, Redemptor do genero humano.

E com a vista errante neste trecho de paysagem soberba e encantadôra, banhada agora por torrentes de luz despedidas do alto de seu throno pelo astro rei magestoso e soberano no espaço infinitamente azul, a minh'alma genuflexa, recolhida a si mesma e transportada a mundos invisiveis em admiração á maravilhosa e sublime concepção do Creador do universo.

Emfim, caros leitores, com grande assombro de minha parte, eis ahi escripta, nesta manhã de Agosto, a principio nublada e fresca e nesta hora dourada e luminosa esta prosa sem verbos, sem bellêsa de linguagem, sem assumpto...

Abilio Pessôa

UMA DE SWIFT

O celebre escriptor Swift era natural da Irlanda. Uma vez em uma reunião Lady-Casteret, mulher do governador, querendo ser-lhe agradavel, disse-lhe;

— O ar da Irlanda é bem agradavel, não acha ?

Swift poz-se immediatamente de joelhos deante della, exclamando :

— Pelo amor de Deus, não repita isso, senão a Inglaterra é bem capaz de lançar sobre elle um imposto.

Os julgamentos de salão não passam, na opinião de Saint-Beuve, *«d'éternels à — peu — près.»*

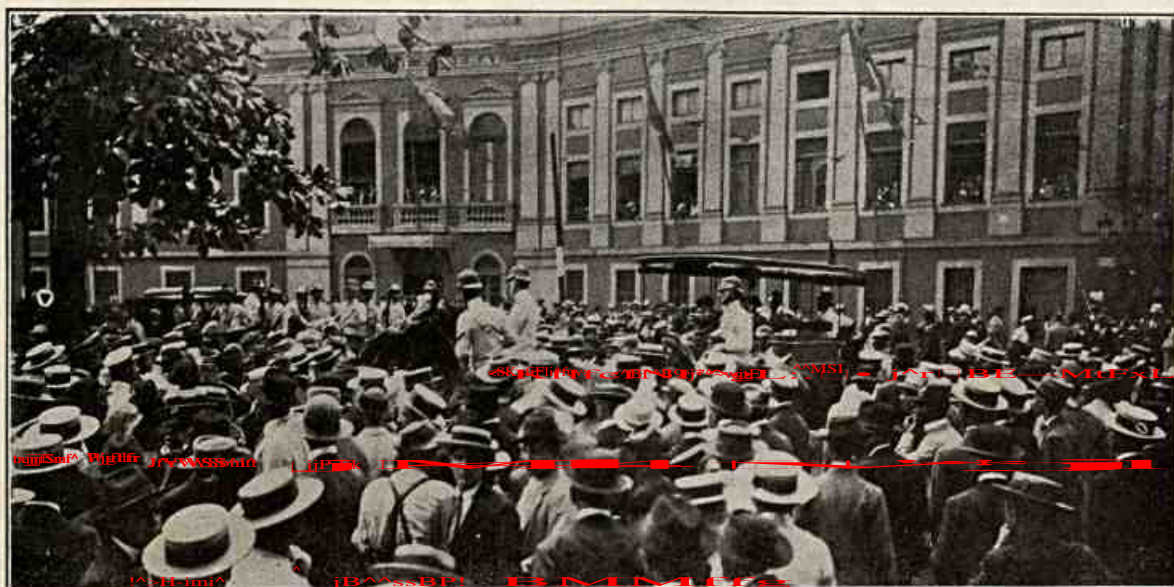
De uma duquezinha da côrte de Luiz XV :

— *«Oh ! la pudeur ! Belle vertu qu'on attache sur soi avec des epingles !»*

O feitiço contra o feiticeiro

— Estás vendo?... O' Comeprégos. Aquelle sujeito deve ter ao menos um bom relogio.

— Com esses eu não me metto. O ultimo transeunte de casaca a quem eu assaltei deu-me uma duzia de murros e levou-me 3$500 que eu tinha em prata.

O caso do Estado do Rio

A cavallaria de clavinotes em frente ao Senado

Chilon disse que os amigos e os favoritos dos reis eram como os tentos de jogar, que ás vezes representam um, ás vezes dez e ás vezes cem.

Havia em Roma uma lei contra a venalidade e as extorsões dos governadores das provincias. Cicero disse num discurso ao povo que lhe parecia que as provincias deviam dirigir ao Senado de Roma uma petição para que a lei fôsse revogada, pois antes della os governadores extorquiam o quanto era necessario para elles, mas depois da lei extorquiam não só para elles como para os juizes, jurados e magistrados.

O caso do Estado do Rio

O povo em frente ao Senado

O caso do Estado do Rio

Aspecto exterior do Senado, por occasião da abertura da sessão extraordinaria do Congresso, convocado pelo presidente Wenceslão Braz para desacatar o Supremo Tribunal Federal.

A cavallaria contendo o povo

A GUERRA

Um official allemão ferido, descreve a morte gloriosa de um camarada de regimento, unico filho da familia a quem se dirige.

FEUILLETS PRINTANIERS

De Paris, Novembre, 1914

25 Novembre !

Malgré la guerre, malgré la mort et les deüils, c'est une date charmante, doucement triste, tendrement mélancolique, fête du passé et des regrets, de l'avenir aussi et de ses espoirs, fête de celles qui ne rencontrèrent pas le compagnon de vie, fête des vingt cinq ans, jour un peu gris où, sur les cheveux blonds et mousseux, sur les cheveux noirs tressés en épais bandeaux se pose, coquet et malicieux, le bonnet redouté de la Sainte-Catherine. Et si les rires s'égrènent, harmonieux et sonores, factices quelque peu, chaque bonnet abrite un front pensif, des yeux qui, se ferment, regrettent l'amoureux évincé, ou pensent à celui qu'on ne put epouser et un coeur qui bat un peu précipitamment en refoulant les silencieuses qui voudraient jaillir.

C'est le jour ou avec amertume chaque jeune fille déplore la part de bonheur qu'elle n'a pas encore goûtée.

Fête des résignées, la Saint-Catherine semble écarter toute idée de mariage, et les années amenant les années, transformer la jeune demoiselle en une vièille fille, rôle qui dans la vie peut avoir sa poésie et sa valeur mais qu'il est bien difficile de soutenir sans des qualités profondes de douceur, d'indulgence et de bonté...

Joyeuse en apparence, c'est la plus triste des fêtes cette lamentable Sainte-Catherine ; c'est la brutale réalité qui détruit les rêves bleus, c'est le glas funèbre des souvenirs, des premières amours, des premières désillusions, des chagrins cachés, des souffrances muettes. C'est une étape douloureuse pour la plupart des femmes étape durant laquelle se sont brisés les ailes de leur rêve.

Autant de bonnets de Sainte-Catherine, autant de drames intimes, poignants, drames où sombra l'amour le plus beau, le plus naïf, le plus désintéressé et le plus profond, amour virginal que la jeune fille voue à celui qu'elle aime avec toute la poésie et la pureté dont est capable une âme neuve et pleine encore de l'azur du ciel.

Chaque Sainte-Catherine es un coeur meurtri par un de ces conquérants à la moustache blonde ou brune. C'est vous, incorrigibles Don Juan qui dans vo-

tre féroce égoïsme, avez joué avec ces âmes et c'est votre dédain cruel, votre inconstance coupable, votre lâcheté qui ont transformè la couronne d'orangers en un emblème de célibataire, c'ést vous qui, impunement, fêtes luire un trop radieux soleil sans vous préoccuper de l'obscurité que créerait sa fuite, vous qui posez ces bonnets symboliques sur les minois les plus jolis sans avoir éteint le feu intérieur qui consumera ces jeunes cœurs passionnés.

Chaque ruban qui vole est un rêve qui meurt, chaque bonnet qui passe est une vie deçue ; mais c'est aussi, pour quelques unes, de nouveaux espoirs de nouveaux projets, d'enchanteresses visions, c'est, avouons-le, le secret désir de ne plus porter le bonnet de Sainte-Catherine.

Et combien y en aura-t-il de ces infortunèes, alors que la morte aveugle couche fiancés officiels et eventuels sur la froide terre.

Combien de jeunes filles, veuves déja sans même avoir ètè «promises» (mot villageois plein de charme) fêteront leurs vingt cinq ans solitaires sans avoir jamais vu celui qui leur étiat destiné.

Pas un souvenir, pas un regret n'adouceront l'accablante tristesse d'être seule pour «le bon et le mauvais de la vie.»

La Sainte-Catherine, c'est la Toussaint del'Amour, c'est alors que l'on peut dire.

«Je m'ignorais encore, je n'avais pas aimé.»

Et chaque bonnet peut se pencher doucement et les tevres murmurer les vers dé poete charmant et délicat que fut Madame Desbordes-Valmore.

«On a si peu de temps à s'aimer sur la terre ;
Ah ! qu'il faut se hâter de dépenser son cœur.»

LUCE HELLER

General Quero-quero

Esta é a do senador Bernardo Monteiro. Quando o general Quero-quero pronunciava o seu ultimo discurso, com aquelle tom de voz arrastado com que elle victima os seus ouvintes, o senador mineiro, virando-se para o senador Bueno de Paiva, murmurou:

— Este Pinheiro quando fala parece sempre que fica aborrecido com o seu proprio discurso.

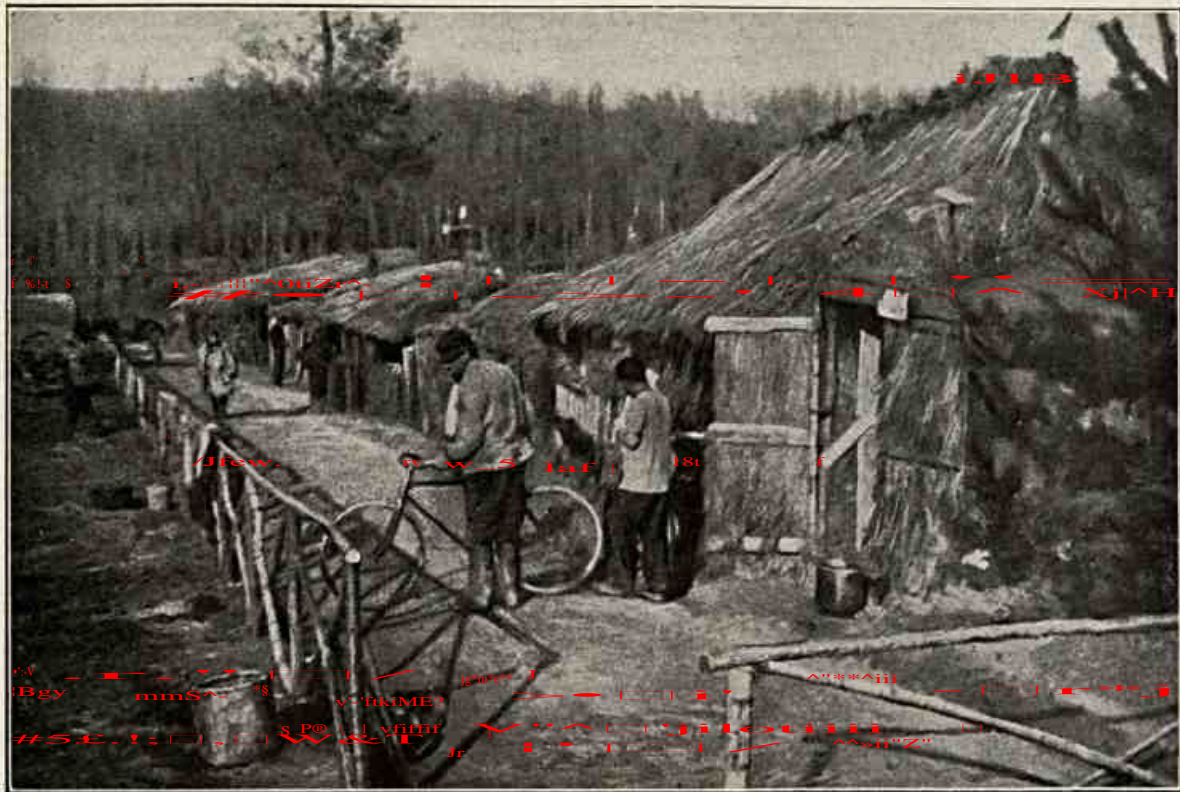
— Devemo-nos amar uns aos outros como se pudessemos vir a odiar-nos. — ensinava o prudente Bias, ao que accrescentou outro sabio da Grecia, o prudentissimo Cleóbulo :

— Livra-te da calumnia dos amigos tanto quanto das ciladas dos inimigos...

Arranjou-se, quand-même

— Sabes quem é?... E' a Clara. As irmãs casaram e ella, que ia ficando para tia, já arranjou um noivo.

— Então é a *Clara ex-tia*.

AS CIDADES DE MARTE

A esse acampamento de suas tropas, na linha de tricheiras, os francezes deram o nome de «Bon Espoir»

UM NOME DOS DIABOS

Havia, na policia do Rio de Janeiro, no tempo famoso do desgoverno de Uladislão Valladares da Fonseca, um homem que foi promovido a delegado e dizia chamar-se Francisco Mendes Diniz.

Francisco Mendes Diniz tinha uma cara de gato dormindo entre funchos e como era de modos desabridos no trato com os seus ephemeros subordinados, foi por estes, e pelos outros funccionarios policiaes, denominado o *Cafuncho*.

Cafuncho, desde que foi promovido a delegado, poz os manguitos de fóra e começou a fazer todas as excessivas arbitrariedades agradaveis á santissima trindade Uladislão Valladares da Fonseca e ao só Deus verdadeiro, general Zé Gomes Quero-Quero Borges. Uma vez, tendo necessidade de noticiar uma proeza biliosa de Cafuncho, o jornalista Thomé Reis, julgando que tão barbara autoridade merecia um nome de escacha, deu-lhe o de *Aldrovando*.

Cafuncho ficou furioso. Aldovrando foi ao popular esgrimista Jacob Nogueira e disse :

— Jacob, dá-me um conselho. Aqui na policia, os imbecis deram-me o nome de *Cafuncho* ; na imprensa, os opposicionistas chamam-me *Aldrovando*. Deixei de ser o Dr. Francisco Mendes Diniz e sou o delegado *Aldrovando Cafuncho*. Que hei de fazer para perder essa antonomasia ?

O esgrimista deu uma bôa risada, pensou um minuto, e aconselhou :

— Adopta um nome mais pavoroso que os que te deram e quando aquelle tenha apagado estes, deixa-o e volta ao teu nome real.

— Bem lembrado, Jacob ! De hoje em deante, vou ser *Semicupio*.

O esgrimista poz as mãos na barriga e sahio estourando de riso.

Alguns dias mais tarde, passando por Semicupio, o alegre esgrimista notou que o delegado respondera de máo modo ao seu cumprimento. Abordou-o :

— Estás zangado commigo ?

— Não, não hei de estar ! Devo estar muito contente com o senhor ! ? Sabe de uma coisa ? O senhor é um perfido.

Jacob deu um pulo.

— Perfido, eu ! Exijo uma explicação, seu Aldrovando.

— Aldrovando, não!

— Desculpe. Eu queria dizer Cafuncho.

— Não admitto troça!

— Eu me enganei, seu Semicupio.

O delegado, muito sério, explicou:

— Olhe, seu Jacob, pensei que você fosse um moço decente.

Jacob, com a pimenta no nariz, em posição de guarda, cahio a fundo:

— Não tenho medo de delegados. Exijo uma explicação. Nunca pedi favores ao Hermes, que é meu parente, mas si você não me dá uma explicação, isso attinge a minha familia inteira, e eu vou ao Hermes.

O matagatos ficou razoavel, poz a mão no hombro do esgrimista e arreganhando a cara num sorriso amarello, declarou:

— Deixa disso, menino. Eu gosto tanto de ti. Olha, se tu quizeres metter qualquer patife no xadrez, é só dizer. Não é por que tu sejas parente do Hermes, é porque sou teu amigo. Mas tu me pregaste uma peça.

— Que peça? Diga.

— Aquella historia do nome. Segui o teu conselho.

— E que tem isso?

— Que tem isso? Ora, seu Jacob! Que tem isso? O' creatura, é que eu fiquei sendo *Aldrovando Cafuncho Semicupio.*

O esgrimista Jacob Nogueira deu uma gargalhada tão grande que accordou o guarda-civil incumbido da vigilancia do Morro da Graça.

Um hoteleiro que tinha alojado um cavalleiro num quarto muito ruim foi interpelado rudemente por este.

— O senhor ha-de vêr que tirará delle prazer quando o deixar, disse o hoteleiro.

Um capitão foi mandado pelo general a certa expedição com forças que não tinham probabilidade alguma de conseguirem o que se pretendia.

— Senhor, disse elle ao general, mande só metade desses homens.

— Porque? perguntou o general.

— Porque é preferivel que morram menos.

AS CIDADES DE MARTE

O acampamento das tropas coloniaes francezas na rectaguarda das linhas de batalha recebeu o nome de «Aldeia senegaleza»

A mulher de coração prosaico que não é uma poesia viva, uma harmonia para elevar o homem, educar a criança, santificar-se e ennobrecer a familia, falhou a sua missão.

MICHELET

Solon, que foi um grande legislador, conhecia bem a natureza humana.

— As leis, sentenciou, são como as teias de aranha: se se é pequeno ou fraco, cai-se dentro dellas : se se é maior ou mais forte, rompe-se a teia e foge-se.

O caso do Estado do Rio

Manifestação do povo de Nictheroy ao Dr. Nilo Peçanha

Chá... sem torradas

Arranchára em alegre *«pensão militar»*, em remota guarnição, um official subalterno — na gyria de caserna, um *pica-fumo* — dotado de excellentes qualidades que o faziam muito estimado por todos os companheiros.

Possuia, porém, duas que o caracterisavam: era de uma neurastenia tremenda, não admittindo, em suas crises, a menor contrariedade e era dotado de um apetite devorador, sendo capaz de jantar tres vezes por dia.

A seguinte historia, autentica, passou-se em uma festa de anniversario do Capitão commandante do pequeno contingente que guarnecia a cidade de ***.

Após um substancial jantar, durante o qual questões interessantissimas foram discutidas, desde a *etapa secca*, o *terço de campanha* até o apetite de cada companheiro, foi notado, com desasocego, que o A. denunciava symptomas anormaes alarmantes.

O estomago, excessivamente dilatado por tantos pratos saborosos, sahidos da cozinha do Beliéo, um Vatel de Kaki e cabelleira revolta, forçára-o a afrouxar o cinturão e a desabotoar a tunica, traduzindo a physionomia d'elle, evidentes signaes de grande mal estar.

Tratava-se positivamente de um embaraço gastrico em inicio, e, como sempre sóe acontecer em taes transes, abundaram conselhos: ar livre, um passeio, um *chá* forte, etc.

Emquanto discutiam o melhor remedio, continuava o A. firme, á cabeceira da *prôa*, a nada attendendo e parecendo cada vez mais incommodado.

Foi quando um *aspirante* se dirigio á cozinha e fez preparar uma chicara de chá da India, aromatico e fumegante, para alliviar a affiição do A.

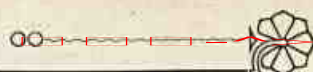
Este, ao lhe ser apresentado a bandeja contendo unicamente o assucareiro, a chicara e o bule, fixou-a demoradamente com um longo olhar franciscanamente guloso que trahia visões em que se confundiam bôlos, torradinhas, pães de lót, biscoutos, etc. e dirigindo-se aos companheiros attentos e curiosos, gemeu, anciado e em tom de censura:

Mas... onde viram vocês alguem tomar chá sem torradas?

N. G.

CHEZ HERIETTE

— Então !... Meu amor ! Como demoraste ! Não recebeste o meu cartão ?
— Sim, recebi, mas muito tarde. E durante todo o dia esperei nervoso o *carteiro*.
— E eu aqui anciosa pela... *carteira*.

Os primeiros sympthomas da *resina*...

Visita do Senador Ruy Barbosa ao Presidente Nilo Peçanha

POLITICA AMERICANA

Reunião do Conselho Director da União Pan-Americana, realisada em Whasington, no Palacio da União, em 8 de Dezembro de 1914, e na qual se tratou da neutralidade das republicas americanas na Conflagração Européa.

Da direita para a esquerda — Sr. Bryan, secretario de Estado dos Estados Unidos ; Dr. Suárez Mujica ; embaixador do Chile; Sr. Calderon, ministro da Bolivia ; Sr. Mendez, ministro da Guatemala; Sr. Membrenô, ministro de Honduras ; Sr. Morales, ministro de Panamá ; Sr. Cordova, ministro do Equador ; Sr. Céspedes, ministro de Cuba; Sr. Dominice, ministo da Venezuela ; Sr. John Barret, director geral da União Pan-Americana (de pé); Dom Roberto Ancizar, Secretario da Legação da Colombia ; Sr. Soler, ministro da Republica Dominicana ; Sr. Francisco J. Yanes, Sub-director da União Pan-Americana (de pé) ; Dr. Carlos A. Meza, secretario da Legação de S. Salvador; Sr. Mesen, ministro de Costa Rica ; Sr. Menos, ministro de Haiti; Sr. Chamorro, ministro de Nicaragua; Sr. Pezet, ministro do Perú; Sr. Peua, ministro do Uruguay; Dr. Naon, embaixador da Argentina; Dr. Domicio da Gama, embaixador do Brasil.

TELEGRAPHO SEM FIO

(Serviço de ultima hora)

CAMPOS E FREIRE — (S. João B. Vista) — São lindos mas, como o missivista, pensamos que os de Bilac, sobre o mesmo assumpto, são incomparaveis.

ALVARO GOMES — (Nictheroy) — A photographia, tendo vindo dobrada, chegou em estado de não poder ser aproveitada.

H. GOUVEA — (?) — Retoque.

COSTA MONTEIRO — São bons mas motivos de ordem interna não nos permittem publical-os.

S. L. — (Rio de Janeiro) — Não acceitamos discussões sobre os trabalhos dos nossos collaboradores. Em relação aos indigestos *c*, o missivista tem razão parcial e será attendido pelos revisores.

— As duvidas de toda especie, escreveu Carlyle, só pódem ser removidas pela acção.

Demetrio, informado de que os athenienses haviam demolido as estatuas que lhe erigiram, respondeu:

— Mas não demoliram as minhas virtudes, que foram motivo dellas.

NEURASTHENICOS

Vivendo num arrabalde, o poeta ocupava, numa fresca pensão, um socegado quarto onde não chegavam rumores importunos de visinhos, que não existiam.

Um bello dia, porém, no quarto contiguo ao do poeta, e delle separado por um fragil tabique, installou-se um hospede vindo do interior de um Estado sertanejo.

Foi-se, desde então, a calma do poeta. O sertanejo, durante a manhã e algumas horas da noite, fazia um barulho de furacão entrando em casa aberta.

Para beber um copo d'agua, dava um murro no tabique, arrastava uma cadeira, cantarolava, e gemia. E assim, para tudo o mais.

O poeta deliberou corresponder aos barulhos do visinho. Para isso, comprou um despertador e deliberou passar uma noite de vigilia.

A' meia noite, cessaram os rumores no quarto do sertanejo. A's doze e meia, soou, pelo espaço de dez minutos, o despertador no aposento do poeta... E dessa hora á 8 e meia da manhã, de hora em hora, o despertador retinia pelo espaço de dez minutos.

O poeta não dormio. Passou a noute a dar corda ao despertador. O sertanejo tambem não dormio. Passou a noite a ouvir a musica do despertador.

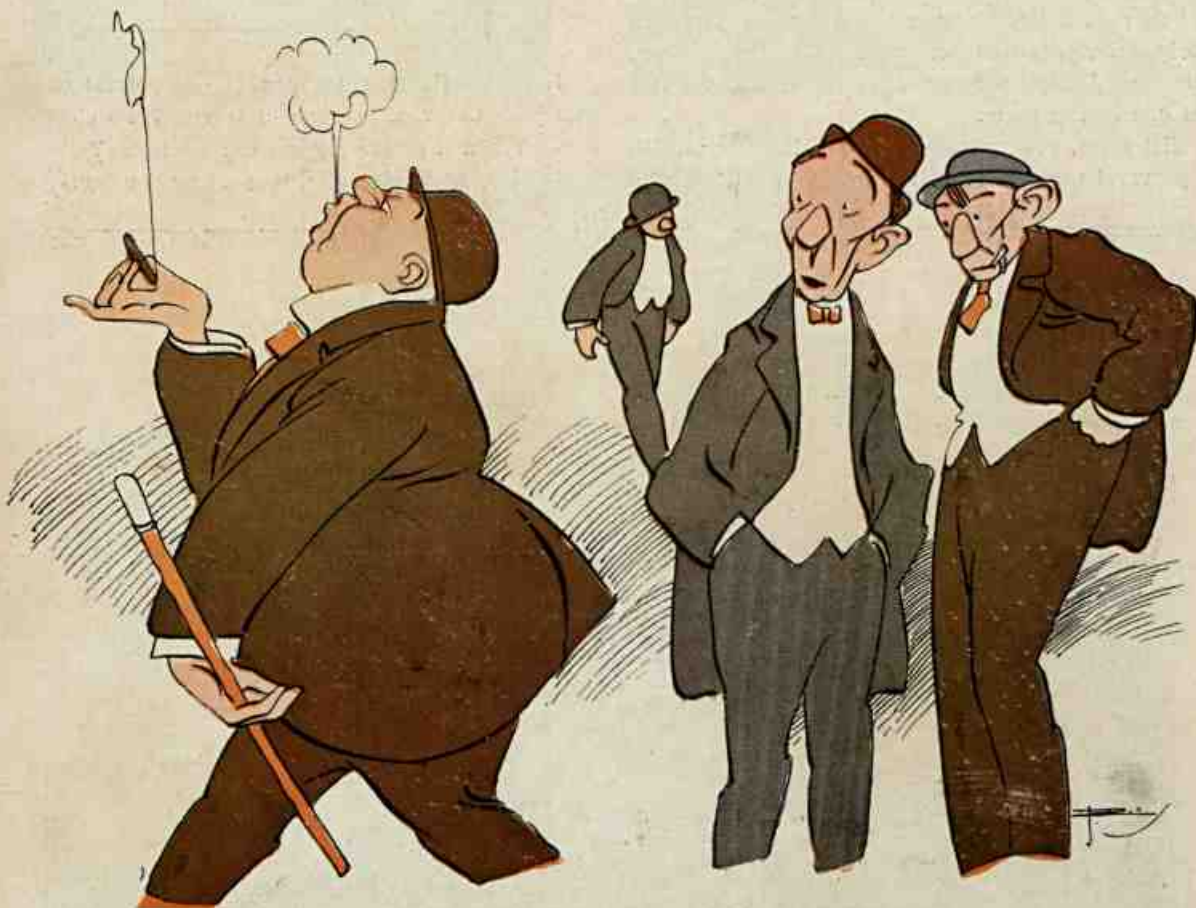
A's dez da manhã, o sertanejo foi queixar-se ao dono da pensão e este foi transmittir a queixa ao poeta, o qual lhe explicou os motivos da sua conducta.

Correu o homem da pensão ao sertanejo e tornou ao poeta com estas palavras:

— O sertanejo manda pedir muitas desculpas e declara que faz barulho por que é neurasthenico.

Immediatamente, o bom do homem regressou do poeta ao sertanejo com estas phrases:

— O poeta manda pedir muitas desculpas e declarar que toca despertador por que é neurasthenico.

Convocação extraordinaria

— Não conheces?... E' o senador Tópatudo. Está cheio de subsidio. E' congressista *com vocação extraordinaria.*

Para os dominios graciosos da elegancia, com intuitos impenetraveis, está a politica estendendo os seus tentaculos avidos.

Na secretaria em que pontifica, assentado na sublime cadeira de ministro, Carlos Maximiliano (*o Dr. Chimarrita*), prepara-se um aviso imperatorio que vae cahir nas rodas elegantes do mundo official como um balde d'agua fria nas costellas incautas de um gato.

O ministro Carlos Maximiliano (*o Dr. Chimarrita*) vae baixar um severo aviso prohibindo as bandas policiaes de tocarem o *maxixe* e o *tango* e tornando obrigatoria, para os funccionarios do ministerio do Interior e Justiça, a dança da *chimarrita* nas festas em que tomem parte.

Entramos, pois, numa era de tyrania burlesca. Sob o provavel pretexto de salvaguardar os bons costumes e cohibir os abusos modernos, o ministro da Justiça impõe o seu nome ás pernas dos bailarinos.

E' a primeira vez que isto acontece na historia das nações.

Nem em Letourneau, o veneravel mestre de Carlos Maximiliano, nem em Bryce, o venerabundo evangelista do *Dr. Chimarrita*, nem em nenhum dos poucos autores que conhece, o ministro da Justiça encontrará doutrinas que o autorisem a regular o movimento dos pés dos dançarinos.

Nos tempos em que era federalista, o *Dr. Chimarrita* costumava dizer que a imprensa é o grande canhão de guerra da liberdade. Pois bem, assestemol-o, e alinhemos os jornalistas e os bailarinos, armemos os cavalheiros e levantemos as damas em favor do tango e contra a chimarrita.

Revolva-se a terra sacudida pelos paroxismos da lucta, corra o sangue, pereça nas salas, dançando o *one step*, o ultimo par, mas não consintamos que um ministro governe os pés dos nossos rapazes nem dirija as pernas das nossas raparigas!

De pé, e em armas, senhores e senhoras!

Havia em Roma um rapaz que se parecia muito com Julio Cesar. Este soube-o e mandou-o chamar.

— Tua mãi esteve alguma vez em Roma?

— Não, respondeu elle, mas meu pai esteve.

O caso do Estado do Rio

O Dr. Nilo Peçanha no meio do povo, assistindo á missa em acção de graças pela sua posse

AS FILHAS DO TZAR

Grã-Duqueza Olga, coronel-chefe dos hussardos

Grã-Duqueza Tatiana, coronel-chefe dos Uhlanos

Uma do Rivarol

Em um jantar com bons burguezes de Hamburgo, Rivarol começou a prodigalisar todos os seus recursos de espirito.

Percebendo que a um dos seus ditos todos procuravam perceber-lhe a espirito, Rivarol, voltando-se para um amigo que o acompanhava, disse:

— Veja você como são gentis esses allemães. Quotisam-se todos para perceber uma pilheria.

Ricos, pobres e philosophos.

Dionisio, o tyranno, pediu a Aristippo que lhe explicasse porque infestam os philosophos as casas dos ricos e estes não infestam as casas dos philosophos. Aristippo respondeu-lhe:

— Porque os philosophos sabem o que lhes falta, e os ricos não.

Grã-Duqueza Maria, coronel-chefe dos Granadeiros

A uma pergunta parecida, deu o cynico Diogenes uma resposta mais precisa.

Perguntando-lhe alguem a razão porque certas pessôas davam dinheiro aos mendigos, recusando-o aos philosophos, respondeu nos seguintes termos:

— E' porque julgam mais provavel que cheguem elles proprios a ser mendigos do que a ser philosophos.

Neste periodo está condensada toda a moral utilitaria de hoje. Lendo-o, lembra-se a gente de Büchner ou de Spencer...

— Ai!
— Que é?
— Uma terrivel dôr de dente.
— Qual?
— Molar.
— Cariado?
— Não.
— Não importa. Se fosse meu eu o faria arrancar.
— E eu tambem... se fosse seu.

A CONFERENCIA DA PAZ

II

O discurso do Coelho causou impressão profunda no Reino Animal.

Naquella tarde todos os jornaes esgotaram as edicções. O discurso vinha na integra, com o retrato do orador entre festões de adjectivos engalanados.

Por todo o Reino só se falou na paz. Era necessaria como o sol, urgente como o pão.

Sentia-se que o Coelho havia plantado em terreno fecundo. O Reino inteiro parecia querer a paz.

O Lobo, o Urso, o Tigre, membros do Parlamento e figuras proeminentes da côrte que haviam ouvido o discurso e que no discurso foram attingidos claramente, não tiveram uma ruga de reprovação ás idéas explanadas pelo apostolo da harmonia animal, como o Coelho começava a sér chamado pelas folhas.

— Parece que desta vez o nosso ideal se realisa, disse a Lebre ao Macaco.

Elle moveu os hombros incredulamente:

— Duvido.

— Não ha razão. Parece que os grandes não são contrarios. Você não viu a attitude do Tigre, do Elephante, do Lobo, do Urso? Nem uma palavra quando o Coelho falava. Ao contrario, uma attenção simpathica ao orador.

— Fita, comadre! fita e nada mais! Querem fazer comprehender a nós outros que são amigos do povo.

No dia seguinte, porem, a «varia» da *Harmonia do Povo* fez o Macaco mudar de opinião e espalhou pelo Reino um estimulo candente em favor da paz. A *Harmonia do Povo* era redigida pela Panthera, uma das figuras da côrte e uma das creaturas mais impiedosas no sacrificio dos fracos. A «varia» elogiava francamente a eloquencia do Coelho, o valor moral de suas idéas, «idéas que mostravam um grande avanço na civilisação animal e que deviam ser estudadas ponderadamente pelas culminantes responsabilidades do governo do Reino.»

O Macaco, facil de enthusiasmar-se, mostrou o jornal á Lebre.

— Agora sim, agora estou convencido que a coisa pode ir para deante. Isto aqui, e apontava a «varia», é a declaração tacita que os nossos algozes não são contrarios á «idéa». A Panthera não iria escrever uma nota destas sem que primeiro tivesse sondado a opinião dos seus iguaes. Que acha você? Isto aqui é importante. Precisamos conversar com o Coelho. E' necessario que não se fique somente em discursos. E' preciso agirmos. Esta nota é de uma importancia capital, comadre; autorisa-nos a metter a cara. E aproveitemos emquanto a coisa está quente.

E seguiram para a casa do Coelho. O apostolo da paz estava radiante com a «varia» da *Harmonia do Povo*.

Era tambem de opinião que se não devia deixar o enthusiasmo arrefecer. Tinha pensado numa maneira prompta de precipitar os acontecimentos — uma representação ás classes populares pedindo ao rei Leão que convocasse uma conferencia entre todos os animaes para assentar o tratado da paz.

— Sim, concluiu, mas por ora não devemos fazer nada. Até agora não sei qual é a opinião do rei. Pode ser que não seja a nosso favor e em vez da representação o encher de simpathias por nós, pode irrital-o. Esperemos. Vou procurar saber como pensa o rei.

No dia seguinte sabia-se no Reino Animal que o Leão era «calorosamente» em favor da paz. E' verdade que o rei não se havia manifestado claramente, mas as suas palavras, nas entrelinhas não queriam dizer outra coisa, senão a sua simpathia pela «idéa» do Coelho. Contavam que o monarcha, lendo no *Diario Official* o discurso do Coelho, suspendera a leitura para dizer a um dos seus cortesãos (ao Chipanzé affirmava-se):

— Este rapaz não é tolo, tem umas idéas bem razoaveis.

Era o quanto bastava. O rei era simpathico á paz.

As palavras do Leão foram contadas nos quatro cantos do Reino. Nos pontos mais afastados chegaram disvirtuados sob um aspecto lendario. Nos tristes lagos longinquos dizia-se entre as rás que o monarcha ao saber do discurso do Coelho mandara chamar o orador, pespegara-lhe trez abraços valentes e condecorara-o com a medalha da Legião de Honra. No fundo dos mares, entre os Peixes mais exquisitos corria o boato que o Leão gostara tanto da eloquencia do Coelho que o acabava de nomear par do Reino.

A verdade é que aquellas simples palavras do rei deram uma nova orientação á propaganda da «causa».

O Coelho reuniu os bichos pequenos no seu palacete na mesma noite em que se propalara as simpathias reaes pela harmonia animal.

— E' chegado o momento, disse. E' preciso que se faça um abaixo-assignado pedindo ao rei que convoque a conferencia da paz. Devemos conseguir o maior numero possivel de assignaturas.

Dois dias depois, uma commissão entrava no palacio real para falar ao Leão. A commissão levava o abaixo-assignado. La estava os nomes de quasi todos os bichos, d'aquelles que se viam sacrificados pelos grandes.

O orador foi ainda o Coelho. Antes de entregar o que elle chamava a «mensagem do povo», falou uns dez minutos enaltecendo as qualidades do coração do rei, a sua piedade, a sua alta justiça soberana. Mostrou em golpes rapidos a situação do Reino, a triste emergencia dos pequenos todos os dias sacrificados pelos fortes. Essa dolorosa situação, essa angustiosissima emergencia seriam sanadas se o rei com a sua serena e luminosa bondade quizesse voltar os seus augustos olhos para o desasocego dos pequenos.

E terminou num rasgo de rhetorica cortezã:

— Deposito a mensagem do povo em vossas mãos, que eu beijo, mãos a que eu me curvo para beijar, porque sei que estou beijando não somente a mão do meu rei, mas tambem a paz de todo o Reino.

O Leão disse quatro ou seis palavras apenas, mas firmes, seguras, decisivas. A conferencia da paz seria realisada, affirmou.

No dia seguinte no Parlamento, o Urso apresentou o projecto autorisando o rei a convocar a conferencia da paz e abrindo á corôa um credito illimitado para occorrer ás despezas da conferencia.

O Urso era *leader* da côrte. Tudo correu maravilhosamente. Uma semana depois o projecto era lei.

O Reino inteiro se enchia de arruidos de festa. Nas mattas até alta noite cantavam os passarinhos festivos. Foi uma alegria estrondosa por toda a parte — nos ares, nas florestas, nas aguas e nas tocas.

As Formigas, tão injuriadas pela sua avareza, offereceram um grande banquete ao Coelho, onde se comeram as migalhas mais ricas da terra.

O nome do Coelho tinha um fulgor de apotheose. Ia-se, emfim, depois de tantos seculos, ter a paz do Reino Animal!

III

Começaram os preparativos para a conferencia. O ministerio das relações exteriores enviava convites a todos os bichos. Discutia-se nas camadas desprotegidas se o rei devia ou não mandar convite ao Homem.

Era na perfumaria da Barata, numa noite, horas antes de fechar-se a porta. Estavam reunidos a Lebre, o Tatú, o Veado, a Perdiz e a Paca.

Foi a Perdiz quem lembrou o convite ao Homem.

— Essa sua lembrança não foi má, disse o Veado. O Homem precisa ser convidado.

— Não se comprehende que não tenha sido convidado, exclamou a Paca. Não se pode admittir que, n'uma conferencia em que se vae firmar um tratado de paz universal entre os animaes, não entre o Homem.

— Mas você bem sabe que elle não quer ser um animal como qualquer de nós, lembrou a Perdiz.

— Mas é! atalhou o Tatú. E' tão bicho como eu, como você, como o compadre Veado, como a comadre Perdiz, etc. E' muito nosso parente, fique você sabendo, vertebrado como nós outros.

— Sim, mas se considera lá de outro estalão, diz-se racional, arriscou o Lobo.

— De soberbo! retorquiu a Paca. Isso de racional ou irracional é classificação delle, inventada por elle. E' bicho tambem. Tem que ser convidado para a conferencia. Devia ser o primeiro a ser convidado.

E explicou porque. O Homem era dos animaes victimadores o mais victimador. O Tamanduá comia a Formiga, mas só comia a Formiga, o Gato devorava o Rato, mas só devorava o Rato, a Aranha papava certos Insectos, mas só papava certos Insectos. O Homem não. Era sacrificador de quasi todos os animaes. Comia o Boi, a Lebre, o Tatú, o Gallo, a Perdiz, o Carneiro, o Bode, o Caetetú, o Faizão, a Anta, o Macaco, a Paca, o diabo. O Homem era o carrasco supremo, O seu requinte ia a ponto de sacrificar mesmo quando não estava em jogo o seu instincto de alimentação: servia-se do Cavallo, do Burro, do Camello para as suas montarias, destruia os Passarinhos para tirar as pennas com que enfeitava os chapéos, matava pobres bichinhos para lhes tirar as pelles ricas, apanhava as Borboletas, os Besouros para as suas collecções. Era um demonio, o Homem, era o exterminio.

— Mais do que nenhum outro, concluiu, deve vir a conferencia. Deve comnosco assignar o tratado de paz.

— Perfeitamente, perfeitamente approvou o Tatú.

O Coelho ia passando. Chamaram-n'o.

O Coelho arregalou os olhos. Bôa lembrança! E elle que se não havia lembrado disso! No seu discurso só se referiu ao Homem de passagem. Podia lhe ter feito uma carga!...

— Você tem toda a razão. Uma conferencia da paz sem o Homem não é nada. Desapparecem os algozes e fica o algoz maior. Você tem razão. Ainda estamos em tempo. Vou agir. Vou ao ministerio das relações exteriores lembrar o convite ao Homem.

(Continúa)

(Da *Arca de Noe*).

Viriato Corrêa

A politica do amor

ELLE — E' assim o governo que eu sonho. Si ella viesse aqui dentro do meu coração... virasse isso em frége, tomasse conta de tudo!... O', que *intervenção amada!*

O caso do Estado do Rio

Comicio realisado no Largo de São Francisco, para protestar contra a revisão das sentenças do Supremo Tribunal pelo Poder Legislativo.

O HOMEM GORDO

Ah! na verdade! O Simplonio era um infeliz.

Empregára-se aos quinze annos n'uma casa commercial, que dois annos depois quebrava, deixando-o com cinco mezes de ordenado atrazados. Passara tres annos sem emprego, só encontrando collocação n'uma charutaria, como caixeiro. Tres mezes após, a casa pegava fogo, tendo elle perdido no incendio o unico paletot que possuia, e que deixou ficar na precipitação da fuga. Foi, mais tarde, guarda-nocturno. Depois limpa-chaminés. A escala desceu até o olho da rua.

O Simplonio ficou desanimado. Em casa, ou por outra, no miseravel quarto da mal afamada pensão, chegava a chorar. Sem pão, sem dinheiro, sem roupa.

Num dia, dia lindo de sol, o Simplonio, ainda em jejum, sahiu a andar pelas ruas, mãos nos bolsos, a olhar os carros, os transeuntes, as vitrines, desanimado e mais propenso a morrer que a viver miseravelmente. Ali, na esquina da rua da Assembléa com a Avenida Rio Branco, quando o Simplonio, indifferente, estudava qual o caminho que devia tomar, foi abordado por um individuo, que sem ao menos cumprimentar, perguntou:

— Você está desempregado ?

— Sim, senhor.

— Quer arranjar um meio de vida ?

— Perfeitamente.

— Então, acompanhe-me.

O Simplonio promptificou-se a acompanhar semelhante pessoa que tão inesperadamente lhe offerecia o meio de ganhar a vida. Dobraram diversas ruas e entraram finalmente na rua Sachet, onde penetraram n'uma casa que já ameaçava ruinas. Entraram por diversos corredores escuros até que chegaram á uma sala grande e clara. O homem sentou-se e convidou o Sr. Simplonio para que fizesse o mesmo.

— O seu nome ? perguntou elle.

— Simplonio.

— Muito bem. Você, como já me disse, está desempregado, sem esperanças de ganhar o pão do dia de amanhã. Eu, aqui, sou importador de perfumes finos e precisava de alguem para vendel-os. Você poderá vendel-os, ganhando um tanto por vidro.

— Mas eu...

— Escute, homem. Você sairá com uma caixa de madeira cheia de vidros com perfumes e os irá vendendo de casa em casa. Terá cinco tostões por cada vidro. Serve ?

— E a licença ? quem paga ?

— Para que licença ? Você sairá com a caixa fechada e só a abrirá na porta da casa em que offerecer o artigo.

— Perfeitamente.

* * *

Numa socegada rua da pacata estação do Rocha, surge um vulto maltrapilho, trazendo no braço uma caixa de madeira. E' o vendedor de perfumes. E' o Simplonio.

Olhando indifferente pela linha de casas que se erguiam ao lado esquerdo da rua, sua vista cahiu n'uma varanda onde um senhor gordo, num sofá, lia um jornal.

O Simplonio approximou-se do portão.

— Senhor, eu vendo perfumes bons por preços modicos. Eu compro estes perfumes a bordo e os posso vender por preços muito baixos.

O homem levantou-se, chegou perto do Simplonio, olhou-o de alto á baixo e perguntou :

— Onde está a sua licença ?

— Senhor, eu não tenho licença.

O homem gordo agarrou no braço esquerdo do Simplonio, e, voltando-se para dentro, berrou :

— Mariquinhas, traz o meu «bonet». Eu vou levar á delegacia este sujeito.

O Simplonio deixou cahir a caixa de madeira.

— O senhor ?

— Sim. Eu sou fiscal da Prefeitura.

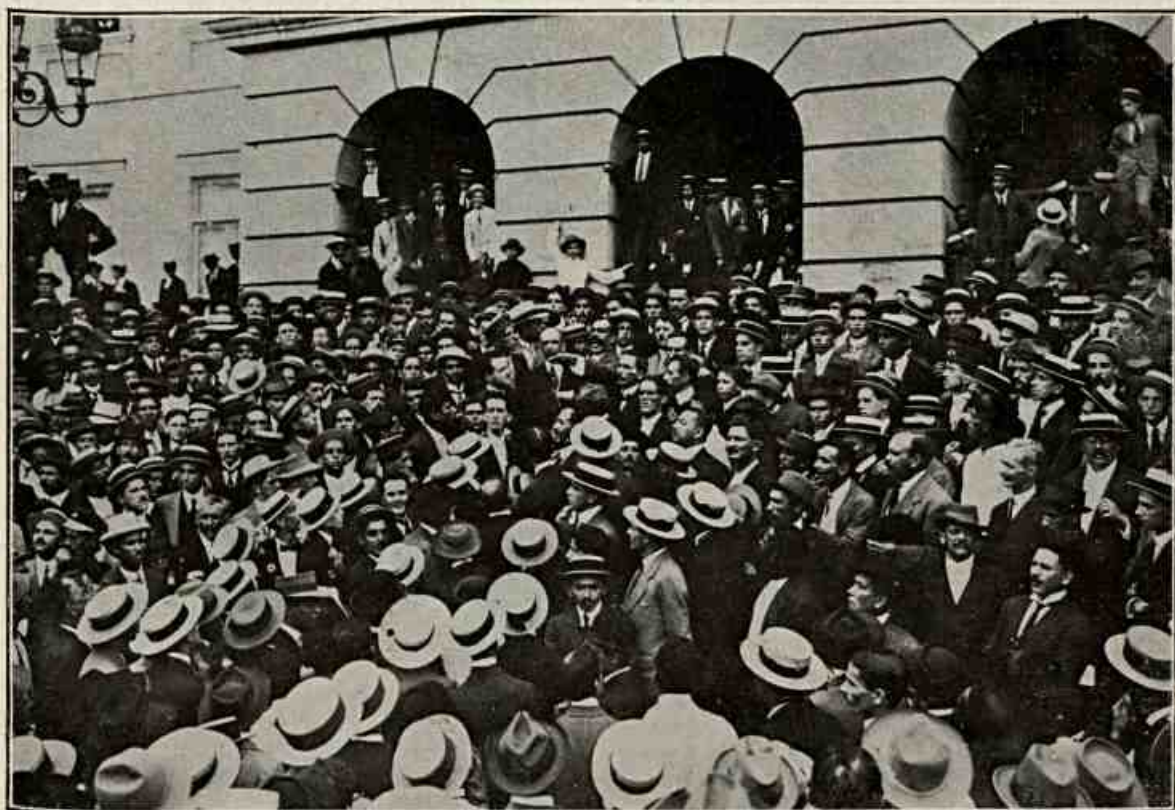
HUMBERTO ACQUARONE

Durante o julgamento de certo prisioneiro, Filippe da Macedonia achava-se somnolento pela embriaguez, e para finalizar condemnou o accusado á morte.

— Appello ! exclamou o prisioneiro.

— Para quem ?! perguntou Filippe sacudindo o torpôr.

— Da parte de Filippe bebedo para Filippe em seu juizo.

O caso do Estado do Rio

O Sr. Evaristo de Moraes, no Largo de São Francisco, falando contra a intervenção projectada.

Figuras e cousas de outras terras

O PRINCIPE AUGUSTO GUILHERME, quarto filho do Imperador Allemão, no decurso da guerra actual, tem sabido manter com honra e brilho as fortes tradições militares que, atravez de perigos e guerras, elevaram a familia feliz dos Hoenzollernes, do seu modesto dominio de Brandeburgo ao throno real da Prussia e imperial da Allemanha. Os filhos do Imperador Guilherme II, nobre e valentemente, assumiram, nos regimentos, a effectividade dos postos de que tinham as honras. Todos elles tem-se distinguido nas batalhas, combatendo como bravos que se destacam num exercito de bravos. AUGUSTO GUILHERME é o terceiro dos imperiaes principes allemães ferido em batalha, já se encontra em via de convalescença e pretende regressar ao seu posto na linha de combate.

São de Pithagoras os seguintes aphorismos :

Não revolvas o fogo com uma espada. (Não despertes a ira dos poderosos).

Não te sentes em cima do alqueire. (Não sejas preguiçoso no teu trabalho quotidiano).

Não comas o coração. (Não envenenes a tua vida com a inveja).

Não ajudes a alliviar as cargas, mas a impôr-te mais pesadas ainda.

Tem sempre enrolada a tua cama. (Está sempre preparado para a desgraça).

Não uses a imagem dum deus no annel. (Não banalizes as coisas sagradas).

Apaga os vestigios que a panella deixa nas cinzas. (Guarda segredo na tua vida particular).

Não esfregues um banco com azeite. (Não empregues as coisas inutilmente).

Não passeies na rua principal. (Sê independente nos teus juizos).

Não offereças levemente a tua mão direita.

Não tenhas andorinhas debaixo do tecto.

Não cries aves de unhas aduncas (aves de rapina).

Nao sujes nada.

Não te ponhas em cima das unhas ou dos cabellos que cortaste. (Faze desapparecer todos os vestigios da vaidade depresada).

Quando fizeres uma viagem, não voltes os olhos para as fronteiras do teu paiz. (O passado bem passado está).

Batalha de Confetti

Stas. Alda de Macedo, Maritana Lyrio, Lucy Marques e Zaira Perriraz, vestindo as cores symbolicas da Belgica, da França, da Inglaterra e da Russia, representavam as nações alliadas e, num lindo automovel, conquistaram o premio da Joalheria Oscar Machado, do qual desistiram, incumbindo a redacção d'A Noite de vendel-o, em beneficio das familias belgas expatriadas.

MISSA DO GALLO

O Magalhães era um honesto pharmaceutico estabelecido em Villa Isabel, naquella longuissima via que denominada pelas autoridades municipaes Boulevard Vinte e Oito de Setembro, o povo na sua mania de tudo encurtar e na sua ogerisa innata aos termos estrangeiros ficou conhecendo pelo nome de rua do Boulevard.

Alem de pharmaceutico era o Magalhães casado; e alem de casado profundamente religioso.

Não havia semana em que não se confessasse e quem o fizesse perder a sua missazinha diaria podia contar com um inimigo.

Aparte esses maos habitos o Magalhães era o que se podia chamar um pharmaceutico de estrondo. Cauteloso no misturar as drogas das receitas, podia o doente ficar certo ao morrer do remedio que o engano não fora do Magalhães e sim do facultativo que em vez do xarope simples receitára acido prussico.

Depois estava sempre ao serviço da humanidade quer de dia, quer de noite. Aviava as receitas urgentes ás vezes madrugada alta. A questão era que o acordassem, pois o Magalhães tinha o somno duro e a esposa podia deixar o importuno campoinhar duas horas ao vento e á chuva que o não accordava, de pena do pobre, dizia, que se matava a trabalhar.

As más linguas, é verdade que affirmavam que o Magalhães era tão perito em manipular pilulas e capsulas como contas. As da pharmacia eram de tirar couro e cabello. Mas creio que isso é calumnia; depois que diabo se um homem passa a sua vida a trabalhar em beneficio da Humanidade, não é justo que esta lhe pague?

Pois bem, a penultima semana de Dezembro foi excepcionalmente trabalhosa para o Magalhães. As noites de 20, 21, 22 e 23 quasi que as passou de pé a aviar receitas urgentes. A campainha não cessava de tocar a noite inteira e a mulher do Magalhães, cansada por fim, mal ouvia o primeiro *retintin*, egoisticamente, por amor ao somno ia tirando o marido da cama para poder descansar em paz. De sorte que na noite de 24, o Magalhães estava literalmente exgotado.

E entretanto em homenagem ao Senhor não quiz deixar de ir á Missa do Gallo. Era um habito antigo que elle tinha, como tão bem diz o Alberto de Oliveira.

Foi á missa o Magalhães e começou a ouvil-a com o costumado fervor. Mas lá pelas tantas, encostou-se a uma columna e quando menos era de esperar o nosso pobre pharmaceutico engolphou-se na doce região dos sonhos. Dormiu beatificamente, sonhando que estava na sua cama tão fôfa, do enxergão de arame, um travesseiro de paina a amparar-lhe a cabeça...

Eis senão quando o sacristão, em meio da missa bimbalha estridulamente as campainhas justamente quando a um cochillo mais forte o Magalhães dava com a testa na columna. Acordou espantado e ouvindo a campainha, berrou com toda a força dos seus pulmões:

— Espere um bocado, que diabo! Tambem a gente aqui nem pode dormir! Irra!

O mal dos poetas é, em geral, não realizarem o programma daquelle vate de quem disse Gœthe que, *tendo vivido para crear poemas, fizera da propria vida um poema.*

Reliquias coloniaes

— Então, seu Izidóro. Querem tirar os varões de ferro e as armas da Prefeitura do Passeio Publico?

— E' exacto. Vai tudo ao chão. *As armas e os varões...*

A GUERRA

I. — Nicholaus E. A. H. Ahlers, consul allemão em Sunderland, condemnado na Inglaterra por crime de alta traição. II — Peças de foot ball enviadas como presente aos soldados inglezes que combatem nas linhas de frente. III — General Von-Mackensen, substituido pelo Marechal Von-Hindenburg no commando das tropas allemãs que operam na Polonia.

PARIS E AS PARISIENSES

Hoje, ás 4 1/2 da tarde, no salão nobre do *Jornal do Commercio*, a eminente romancista Julia Lopes de Almeida, com o concurso do poeta Affonso Lopes de Almeida, realisa uma conferencia em beneficio da associação franceza : *«Vestiare des Blessés.»*

A grande escriptora escolheu para thema da sua conferencia : *Paris e as parisienses.*

Não são apenas o valoroso rei Alberto, dos Belgas, e os reis dos pequenos estados germanicos os soberanos que exercem commando de tropas na grande guerra européa.

As Indias Inglezas, atendendo ao pedido da metropole ingleza, mandaram para o continente occidental numerosas tropas, a cuja frente collocaram soberanos.

São elles, como nos informa a revista *Lectures pour Tour*, os seguintes :

Sua Alteza Bhupendra Singh, Maharajah de Patiala, soberano de 2 milhões de subditos, tinha 9 annos quando subio ao throno e é o mais joven dos commandantes indianos. A população dos seus estados é exclusivamente constituida por Sikhs, temivel raça de guerreiros.

Sua alteza o Maharajah de Bikaner, pertencente á mais celebre casta guerreira da India — a dos Radjpouts, é amigo pessoal do rei Jorge V ; tem a honra de possuir o seu retrato num dos salões reaes do Buckingham Palace ; é devotado ás cousas militares ; bateu-se na China, no tempo da guerra dos Boxers e combateu na Africa.

Sua Alteza Partap Singh, Maharajah de Jodhpur, tambem da casta guerreira dos Radjapouts, governa 2 milhões de suditos, tem 68 annos mas é um brilhante cavalleiro que se distinguio na campanha da China.

O Mahirajah de Kisbangarh commanda um pequeno exercito cuja cavallaria é brilhante ; o Nawab de Sachin, sahido de uma escola militar ingleza ; o Nawab de Jaora e o Rajah de Rutlam conquistaram os seus postos servindo no exercito inglez.

No meio desses soberanos apparece o Nawabzada Obaid-ul-Sah Khan, segundo filho da Begum de Bhopal. E' um dos mais distinctos e habeis officiaes indianos e commanda, em França, os *Lanceiros de victoria*, cujo transporte e manutenção são pagos pela Begum.

Fazemos votos para que esses bellicosos magnatas voltem sãos e salvos para os seus dominios.

ARCHIVO UNIVERSAL

O general Von Kluck deixou uma anedocta á historia.

Quando machava sobre Paris, o famoso chefe allemão iustallou-se num lindo castello, cercado de sitios de caça, pertencente a um velho senhor francez, perto do Marne.

O general quiz ser amavel com o seu hospedeiro, ao qual, sem exito, convidou para almoçar. Depois, com ares de intimo do nobre francez, surprehendeu-o mostrando-se conhecedor da opulencia venatoria das suas terras e declarando-se resolvido a consagrar um dia a caça.

— A batalha está acabada. A retirada dos francezes é uma verdadeira debandada. Em pouco estaremos dentro de Paris. Não falo por basofia, digo isso por que é a verdade. Os francezes estão perdidos.

O francez não respondeu. O allemão convidou:

— Quer caçar commigo, amanhã?

— Muito agradecido. Todos os meus criados estão na linha de fogo. Não tenho a quem deixar aqui. Limitar-me-ei a indicar a V. Ex.ª o caminho para os terrenos de caça.

De noite, uma ordenança levou um cachorro para o castello, e cedo, o general e um tenente, armados de bôa espingardas de caça, partiram com o cão para o passeio venatorio. Quando voltaram para o almoço, trouxeram a caçada matutina: — tres lebres e dezessete perdizes.

No dia seguinte, partindo do castello, o general disse ao francez de quem fôra hospede:

— Deixo-lhe o meu cão. Ser-me-ia incommodo leval-o á Paris. Mas não lhe dê cuidado, quando tudo estiver acabado — o que não ha de demorar muito — voltarei por aqui para conversar mais uma vez com as suas perdizes.

Sahindo um pouco apressado do Marne, o general não voltou a conversar com as perdizes do seu hospedeiro e emquanto o seu exercito opera a retirada fulminante, o seu cachorro faz progressos em francez a ponto de já attender a quem o chama pelo seu novo nome: — *Mitraille*.

ARCHIVISTA

O caso do Estado do Rio

I — Prisão de um cavalheiro que, acreditando no artigo 72 da Constituição, quiz falar ao povo.
II — Aspecto exterior da Camara dos Deputados.

A GUERRA NA ASIA

Tumulo de Ezrás

Ruas de Basra

Basra, famoso porto que serve a Bagdad, fica á margem do Shat-el-Arab, perto da confluencia do Euphrates com o Tigre, foi, durante muito tempo, o principal emporio dos turcos na região do Golpho Persico, mereceu cuidados artisticos do Kalifa Omar, e possue o tumulo de Ezrás, (cuja preciosa cobertura é muito antiga) ao qual fazem romaria os peregrinos jesuitas.

Napoleão poeta

Bastante vezes em certas antologias francezas que andam pelas mãos dos collegiaes, figuram cartas e proclamações de Napoleão. Os pedagogos que reuniram esses «trechos escolhidos», collocam assim o grande capitão na fila dos escriptores classicos, dos autores mais estimados. Esta opinião pode sustentar-se, porque Napoleão é um prosador de talento: o seu estylo é sobrio, claro, nervoso; a phrase é nitida, sempre breve e incisiva; a apostrophe, frequente, quer seja nobre ou familiar, é de grande effeito.

E' certo que Napoleão não foi poeta, embora mais de uma vez tivesse feito ensaios de rima. Quem não conhece o seu idyllio segundo a maneira horaciana?

Je suis très las, et je voudrais
Un repos champêtre
A l'ombre des noires forêts
Avec un vieux hêtre.

O idyllio tem cinco estrophes neste genero. A rima, como se vê, não é rica, e o estylo é velho, como diz o Alceste do Misanthropo. E todos nós sabemos para onde elle mandaria o idyllio de Napoleão.

O madrigal dirigido a Mlle. Saint-Huberty, que representavam *Dido*, na Opera, vale um pouco mais. Não é impossivel que Chateaubriand, graças a quem estes versos foram conservados, os haja retocado.

Romais qui vous vantez d'une illustre origine,
Voyez d'où dépendait votre empire naissant.
Didon n'eut pas de charme assez puissant
Pour retarder la fuite où son amant s'obstine.
Mais si l'autre Didon, ornement de ces lieux,
Eût été la reine Carthage,
Il eût pour la servir abandoné ses dieux,
Et votre beau pays serait encore sauvage.

Ha aqui, evidentemente, um progresso sobre o «repouso campestre» e os «campos molhados de rosas», mas não se descobre, mesmo com bôa vonta-

de, nenhuma qualidade de primeira ordem, ao passo que os defeitos resaltam.

Quanto á terceira obra poetica de Napoleão, é francamente má. Estava inédita e foi ha alguns annos publicada n'uma revista franceza pelo conde de Weimars.

E' uma fabula intitulada «O cão, o coelho e o caçador».

Foi preciso a Florian ter alguma audacia para compôr fabulas depois do incomparavel La Fontaine e a Napoleão foi preciso ter uma grande falta de imaginação e de geito para ser peior fabulista que Florian, cousa que infelizmente conseguiu.

Na fabula «O cão, o coelho e o caçador», *Cesar*, cão afamado, quer persuadir Joanico, celebre coelho, de que este vae morrer ; mas pede-lhe que escolha o genero de morte a que dá preferencia : ou sob os dentes d'elle, ou por um tiro de espingarda. O caçador está perto, de arma ao hombro, e a sua pontaria não falha. Mas Joanico entende, tal qual como Horacio, que a sua salvação está na fuga e a ella se entrega com a maxima agilidade das suas pernas. N'isto resôa um tiro, e o cão que se lançara em perseguição do coelho, varado pelo projectil, cáe morto.

Além da fabula não ser, nem muito nova, nem muito espirituosa, accresce o ser tratada sem gosto, faltando-lhe por completo o sabor que n'esse genero de litteratura se procura.

Vê-se bem que Napoleão não era poeta quando rimava ; era-o entretanto quando traçava o plano de uma batalha ou de uma campanha, e n'isto ninguem o supplantou nunca. Austerlitz, Wagran, Marengo, toda a campanha da Italia e a propria batalha de Waterloo, em que foi vencido, estão hoje minuciosamente estudadas pelos especialistas que emmudecem de assombro ante o arrojo epico das concepções do maior vulto de toda a Historia.

Morder e soprar

Um poeta, querendo ser verdadeiro sem deixar de ser gentil, escreveu no album de uma senhora o seguinte pensamento :

«Uma mulher tem alegria por ter vinte annos ; tem vergonha de ter quarenta ; tem tristeza de ter sessenta e tem orgulho de ter oitenta.»

Eis o que vulgarmente se chama : *morder e soprar...*

A GUERRA NA ASIA (Pontos occupados pelos inglezes)

Ashar, perto de Basra

Enseada de Basra

Narra Marco Polo que os Tartaros antes de ser convertidos á religião não davam esmolas; de facto quando alguem lh'as pedia, respondiam-lhe:

— Vai com a maldição de Deus, porque se elle te amasse como me ama, tel-o-ia ajudado!

Eram assim os Tartaros antes de convertidos. Quantos christãos de hoje pensam da mesma fórma! Pensam, mas... não dizem.

Quando se disse a Anaxagoras:

— Os athenienses condemnaram-te á morte, — replicou:

— E a natureza a elles.

Crasso, o orador, tinha um daquelles peixes a que os romanos chamavam *mureus* e que elle havia domesticado e tornado muito seu amigo. O peixe morreu e Crasso chorou.

Um dia em que discutia com Domicio, este disse-lhe:

— E's tão tolo que até choras pela tua *murem*.

— E' mais do que tu fizeste pelas tuas duas mulheres, — respondeu Crasso.

Catão, o antigo, costumava dizer que os romanos eram como os carneiros, era mais facil dirigir um rebanho delles que um só.

Alguem dizia que o seu bisavô, avô e pai morreram no mar.

— Se eu estivesse no seu caso nunca embarcava, responderam-lhe.

— Então, perguntou o outro, onde morreram o seu bisavô, avô e pai?

— Nas suas camas, com certeza.

— Pois eu se estivesse no seu caso nunca me deitava na cama.

O caso do Estado do Rio

— Isto até está me parecendo os residuos do Sodré.

O TALISMAN

(Nedjdet)

— Que festa. Ah! meu homem! Que festa! Nos meus ouvidos ainda resôa o barulho das cytharas! E que riqueza! Que abundancia! Que profusão! Por Allah! Tanto gozei com a bocca como com os olhos! Não sei em mim o que mais impressionado ficou, se os olhares com as joias, os ricos estofos, as pedrarias, se o gosto com o *bolo dos quatro irmãos*, ou o *pilaff* de ervilhas! Ah! meu homem, meu homem!

Emocionada, deslumbrada ainda pela faustosa cerimonia, Aicha que tinha vindo a correr para casa, contara ao marido como fôra o casamento da filha de *mukdar* com um sargento recem-chegado da guerra. O turco guerreava então com os infieis — os gregos.

Um bello rapaz esse sargento, abastado, filho e neto de *mukdars* tal qual a noiva, tão bem apessoado que quando elle passou, a sua desposada pelo braço, por entre as alas de mulheres veladas, mais de uma mãe o desejou para genro e mais de uma rapariga para marido; e todas, máo grado a prohibição religiosa, arriscavam-se a levantar o véu — um nadinha, somente, para que elle as pudesse ver.

— E a noiva! Ah! meu homem! Como estava linda! E enfeitada!... Imagina tu: dez *mahmudiés* em duas carreiras da largura da mão! Comprehendes? Dez vezes cinco moedas de ouro em torno do pescoço, brilhantes como sóes; o bastante para comprar tudo quanto possuimos nesta casa, nosso quintal, a casa e o quintal de meu irmão e ainda a casa e o quintal de teu irmão. E toda essa riqueza ao pescoço! Que bello par, os noivos!

O homem sorria-se; sabia que sua mulher Aicha era um pouco ambiciosa. Ora... O sargento podia ser um bello homem, na verdade, mas ella não tinha tambem um rapagão, soldado tambem, que havia quatro annos partira para a guerra e que dentro em pouco devia voltar, terminado o seu serviço militar! Havia seis mezes, na verdade, que delle não tinham noticias. Por Allah! O seu filho valia bem o filho de todos os *mukdars* do universo!

— Mulher, não se deve invejar a riqueza alheia. Allah deu-nos o que quiz. Temos para a nossa velhice os dous braços de nosso filho. Roguemos a Deus que elle nos volte são e salvo e se abrirmos a bocca que seja só para acções de graça.

Ella obtemperou:

— A vida é dura. Nós mal temos com que matar a nossa fome... Ah! Aquellas dez *mahmudiés* de ouro que brilhavam como sóes!...

E uma colera surda subia-lhe á cabeça unindo-se á saudade do filho ausente, tão longe, tão longe... Como ella cederia de boa vontade metade do seu logar no paraiso para que o bello sargento que se casara naquelle dia fosse seu filho! Certamente, seu marido tinha razão de se orgulhar do seu descendente; não obstante, nem um *mukdar* ou nobre dar-lhe-ia jamais uma filha em casamento. Elles eram tão pobres! Nunca veriam entrar em sua casa uma rapariga vestida com luxo, cheia de *mahmudiés* em volta do pescoço. Que dote traria a sua futura nora? Dois bois e dez carneiros, não mais!...

Todo o dia levou ella a pensar nessa festa; no jantar opiparo, em toda aquella riqueza ostentada, no sargento de porte tão altivo, e na desposada com as duas carreiras de *mahmudiés* brilhantes como sóes...

Pensou nisso o dia inteiro e a noite toda sonhou ainda com a boda.

De manhã cedo foi á casa dos noivos. As festas deviam durar tres dias, e nesses tres dias succederam-se os cantos, as refeições, os risos, as historias maravilhosas que se narravam em torno ás mesas sempre postas.

Na camara nupcial, sentada em um divan de velludo, entre ricas almofadas, a bella desposada conservava-se immovel, com o seu riquissimo traje, no alvo pescoço os dez *mahmudiés* brilhavam como sóes. E de cada vez que Aicha entrava nessa camara, quasi que dos olhos lhe saltavam lagrimas de inveja; sahia ás pressas com medo de commetter uma inconveniencia que lhe valeria ser expulsa. Depois, tristemente, voltava para a sua casinha, alem, no fim da aldeia, sua casa tão isolada que á noite os ladrões andavam em torno, furtando de quando em quando uma gallinha, ás vezes mesmo um cordeirinho. Nas outras elles não iam, á noite. Para que? Um cordeiro só tem valor, na verdade, para a gente pobre, que soffre com a sua perda.

. . . .

— Ordenai, ordenai e o espirito virá; conheço a palavra magica que o domina. Saúde, poder, ouro... ordenai e ao som da palavra o espirito obedecerá!

Era um santo homem, sentado por terra deante de uma mesinha carregada de objectos extravagantes; sementes de *caruba*, o chifre de uma serpente maravilhosa, dentes de um passaro das Indias, unguentos varios.

Esse homem curava as molestias e os maleficios; sua barba cahia longa, até o ventre e a cabeça ornada com um volumoso turbante, assemelhava-se a um cogumello gigante.

Elle se collocou mesmo defronte da casa dos noivos e em torno de sua mesa agglomerava-se já uma porção de gente, comprando remedios uns para os filhos, outros para o gado, ou para si proprios; os enamorados pediam philtros que attrahissem os corações das donzellas e dulcificassem a intransigencia dos paes.

— Ordenai, ordenai, eu conheço a palavra magica que domina o Espirito.

Aicha approximou-se, curiosa. O santo homem acabava de restituir a fala a um mudo e o movimento a um paralytico.

— Ordenai, ordenai, eu conheço a palavra que domina o Espirito.

— Santo homem, perguntou Aicha, poderás saber o que me atormenta o coração?

— O conhecido e o desconhecido são dous; o dia e a noite dous são, respondeu o santarrão. A coruja vê na noite como o espirito no desconhecido.

— Santo homem, santo homem, dize-me o que atormenta o meu coração.

— O rato é o terror do merceeiro. Porque? Pergunta-o aos saccos furados do seu armazem. E o que contêm os saccos? O que é doce, o que é salgado, o que é apimentado, tudo o que é bom, tudo que se paga com ouro. E o ouro é o fim da vida...

Aicha estremeceu. Da casa de fronte, da camara nupcial partiam cantos, exclamações de jubilo.

— Santo homem, tua sciencia é grande, murmurou ella, palpitante; vi uma joven desposada e em torno do seu pescoço dez *mahmudiés* brilhantes como sóes. Eu desejava tanto possuir *mahmudiés*...

O santo homem cerrou os olhos um pouco, murmurando algumas orações; depois tirou do monte de cousas que tinha em sua frente um minusculo triangulo de panno coberto de inscripções bizarras:

— Mulher, disse, se queres pagar o valor de tres medidas de cevada eis aqui um talisman. Podes desejar tudo quanto humanamente é desejavel e o Espirito obedecer-te-á. Só eu, eu unicamente, é que nada posso pedir ao Espirito.

Aicha tentou retirar-se aterrada com o preço do objecto mysterioso. Mas o santo homem continuou com vivacidade :

— Vejo que és uma boa mulher e Allah quer proteger-te. Elle instiga-me a fazer-te um presente. Não quero que me dês tres medidas de cevada, nem duas e meia, nem mesmo duas ; peço-te unicamente medida e meia ; uma miseria á vista dos innumeraveis *mahmudiés* que possuirás.

Aicha regateou por muito tempo e conseguiu por fim o talisman a troco de uma unica medida de cereal.

— Mulher, recommendou o santarrão, modera os teus desejos ; a avidez é desagradavel aos Espiritos.

Ensinou-lhe em seguida a formula e os ritos, de grande simplicidade, para invocar o Espirito.

— Escolhe um momento em que estejas absolutamente só ; depois de beijares por tres vezes o talisman, basta chamar : — «Rahmilmoth ! — (é o nome do Espirito), Rahmilmoth ! Por este talisman que encerra a chave dos segredos, intimo-te a obedeceres-me...» e em seguida dirás o que queres ; quanto possas desejar, obterás.

Aicha voltou encantada para casa si bem que um pouco inquieta, apertando sob o véo, ao peito, o precioso talisman.

Teve o cuidado de não contar ao marido a despeza que fizera. Robusta e animosa ella não temia ser espancada ; mas quem sabe se a virtude do talisman não se perderia se outra pessoa soubesse da sua acquisição ?

E nessa noite não mais falou nos *mahmudiés*, sua unica preoccupação desde a vespera. Isso fez dizer ao marido :

— Ora, afinal já perdeste a obcessão ; é mister resignar-se a gente ao que possue.

Ah ! Que desejo teve ella então de gritar-lhe em rosto que elle era um tolo ! Que ella possuia um thesouro ; que a um simples desejo seu as suas mãos encher-se-iam de ouro. As suas mãos ? As della, as do marido, seus bolsos, seus turbantes e mesmo, se quizesse, o celleiro de provisões no sotão. Conteve-se, entretanto. Mas via-se já em pensamento bella e preparada com duas carreiras de *mahmudiés* em volta do pescoço. Duas carreiras ? Nada, quatro, cinco carreira ! Ah ! Ah ! Pediria tanto que a filha do *mukdar* faria ao pé della bem triste figura !

A refeição da tarde correu silenciosa. O marido tentou em vão travar palestra ; Aicha embebida nos seus sonhos, e resistindo á tentação de tudo contar-lhe, ficou silenciosa. Queria fazer-lhe uma surpreza.

Mas como viriam os *mahmudiés* ? Veria ella o espirito ? Talvez encontrasse os *mahmudiés* de manhã cedinho, debaixo do travesseiro ; a menos que não cahissem de repente pela chaminé quando ella do fogão se approximasse. Ou então achal-os-ia á porta, naturalmente. Como viriam elles ? Como ?

O seu espirito excitado forjava mil combinações, não se fixando em nenhuma.

Quando acabaram a refeição, ella retirou-se para um aposento isolado e depois de beijar o talisman por tres vezes, fez a invocação :

— Rahmilmoth ! Por este talisman que contem a chave dos segredos, intimo-te a obedeceres-me. Quero que tu me tragas...

Hesitou sobre o numero, lembrando-se da recommendação do santo homem, de que não fosse ambiciosa. Seu coração palpitava violentamente. Quantos pediria ? Dez *mahmudiés* ? Vinte ? Trinta ? Por fim decidiu-se :

— Rahmilmoth quero que me tragas vinte *mahmudiés*.

Ao pronunciar essas palavras, sentiu a porta bater, abalada pelo vento. Teve medo. Pareceu-lhe que para uma primeira vez pedira demasiado. Devia ter-se contentado com dez *mahmudiés*, tantos quantos possuia a noiva. Mas, e agora ? Chamar de novo o espirito ? E se elle ficasse irritado ?

— Já pedi vinte, suspirou ; e mentalmente fez uma curta oração a Deus para que satisfizesse o seu pedido ; depois foi tomar um logar na cama ao lado do marido.

Não podia dormir entretanto ; virava-se para um e outro lado, o espirito sobrexcitado.

— De que maneira trará o Espirito o que lhe pedi ? Que transformação ! Que fortuna ! Terei ouro, ouro, ouro...

E fazia mil projectos. Sim. Fariam construir uma casa mais alem, em pleno coração da aldeia ; uma casa boa, completa. E elles dariam tambem uma festa quando o filho se casasse. Ella, a mãe, teria vestuarios bordados a ouro e ao pescoço levaria tantas carreiras de *mahmudiés* que lhe desceriam até a cintura, brilhantes como sóes.

Ah ! Ah ! Teriam um grande bahú para guardar todas as riquezas, o talisman sobretudo, e numerosos creados para os defender dos ladrões. Ah ! os ladrões !

O talisman agarrado entre os dedos convulsos, tremulos, apertou-o contra o peito.

Ora ! Era uma noite só a passar. E depois quem é que sabia que ella possuia em casa um talisman ? Alem disso os ladrões nunca entravam em casa. Se quizessem furtar que levassem um, dous carneiros mesmo. Que lhe importaria isso a ella, quando podia agora comprar todos os rebanhos da aldeia !

Mas... porque tardara tanto a vir o Espirito ? E de novo começou a pensar na maneira porque viriam os mahmudiés ter ás suas mãos. Passou a mão por baixo do travesseiro. Nada. Esforçou-se para ter paciencia mais alguns momentos. Depois não se conteve : foi ao sacco onde guardavam as provisões. Nada tambem. Nas panellas. Tambem nada. Voltou para a cama. O marido dormia sempre, com o bom somno dos simples que nenhum desejo ambicioso perturba. — Como trará o Espirito os *mahmudiés* ?

Um rumor de passos longe ainda, de alguem passando pela rua, fez-se ouvir. O Espirito ! Sim. Deve ser o Espirito ! A esta hora da noite não pode ser senão o Espirito. O ouvido attento, todo o seu ser como attrahido para esse rumor que se faz ouvir na noite calma. Aicha deseja invocar o Espirito ! Eil-o... está perto... é bem elle... já está á porta... busca abril-a...

Como ! Os Espiritos não podem então entrar sem abrir as portas ?

O marido accordou sobresaltado.

— Os ladrões ! Aicha !

— Ladrões ? repetiu ella suspensa ainda entre o somho e a realidade.

— Sim, ladrões, não houves ? Quem tentaria arrombar nossa porta.

— De facto.

Aicha voltou a si inteiramente.

— Os ladrões, murmurou ella aterrorisada. Vem roubar meu talisman. Ah ! Nunca !

Metteu-o rapidamente no seio, levantou-se e agarrou o machado. O marido dependurou a velha espingarda de perdeneira da parede e os dous se dirigiram para a porta, escondendo-se no corredor, um de cada lado.

A porta gemia, impellida do lado de fóra. Era bem velha e quem a empurrava de fóra, áquella hora da noite, devia ser muito robusto. Seriam muitos? De certo. Um ladrão só não teria coragem de atacar a casa. Um estalido. A porta cedia; abriu-se. Na sombra da noite á indecisa claridade das estrellas uma outra sombra mais pronunciada, a figura de um homem recostava-se na porta, avançando com precaução, pisando de leve, muito de leve, como se temesse accordar os moradores.

Do seu canto Aicha saltou, o machado erguido.

Foi um golpe só. A sombra cahiu, sem um gemido.

— Ha muito tempo que elle nos roubava. Agora não roubará mais ninguem.

O marido bateu o fuzil para accender um facho.

No meio de um mar de sangue jazia, o craneo aberto, o unico filho delles, que, liberto do serviço militar, tinha querido fazer-lhes uma surpreza, entrando em casa inopinadamente.

No dia seguinte quando se dispiu o cadaver para laval-o, no seu sinto foram encontrados vinte *mahmudiés* de ouro grandes como a palma da mão, brilhantes como sóes.

* * *

Nedjdet, escriptor turco de nomeada, nasceu em Sivas, Anatolia, em 1862. Publicou varias obras que attrahiram sobre elle a attenção e a estima publicas; entre ellas: "Lendas de Kizil Irmak" (poesias); "A voz da fonte" (poesias); "O Divan de Nedjdet" (poesias); "Na Anatolia" (contos e novellas); "Cachos da vinha" (contos e novellas); seu romance "Na grota" é celebre.

UMA DO PAPA

Não é do actual, mas justamente daquelle de seus antecessores de quem por affinidade de espirito tomou o nome — Bento XIV.

Falava-se na sua presença de certo prelado que era celebre por seu zelo em fazer valer por todos os meios e modos, sem escolha de nenhum, os breves de Roma, Bento XIV, sorrindo-se, disse:

— Tenho medo que elle não seja parente daquelle celebre nobre napolitano que bateu-se 14 vezes em duello para sustentar que Dante era melhor poeta do que Ariosto, e na hora da morte confessou singellamente que nunca havia lido nenhum dos dois.

Como a historia... se repete.

Antisthenes aconselhava os athenienses a que votassem para que os burros fossem cavallos. Protestando elles que seria um absurdo, replicou-lhes:

— Mas é dessa fórma que fazes generaes.

Isso, leitor amigo, foi dito na Grecia e para gregos.

Numa democracia moderna, a linguagem havia de ser outra...

Entre amigos

— E' verdade que vaes fazer a asneira de casar?
— Asneira não.
— Ah! tu deves estar deploravelmente apaixonado.
— Mas, a tua paixão te céga ao ponto de esqueceres que não ha mulher que valha a liberdade de um homem?
— Cala-te! Tu dizes isso por que não conheces a Amalia.
— Vamos lá; que tem a Amalia de superior as outras?
— E' linda, elegante, intelligente, admiravelmente educada, é rica e ama-me.
— Basta. Não digo mais cousa alguma uma vez que ella não tem nada que te desagrade.
— Para falar a verdade... só tem uma cousa que não me agrada, apavora-me até.
— ?!
— A mãe.

Será aberta uma subscripção popular para angariar os capitaes necessarios ao pagamento da lavagem da immunda roupa deixada pelo dr. Oliveira Botelho na cama em que dormia no Palacio do Ingá.